Ie ne fay rien
sans
Gayeté
(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin

O
SENHOR D. PEDRO II
IMPERADOR DO BRASIL

BIOGRAPHIA

POR

MONSENHOR JOAQUIM PINTO DE CAMPOS

(COM O RETRATO DE S. M. IMPERIAL)

E COM UMA ADVERTENCIA

POR

Camillo Castello Branco

PORTO:
TYPOGRAPHIA PEREIRA DA SILVA
Praça de Santa Thereza, 63

1871

LIVRARIA BRASÍLIA
Rua da Misericórdia, 79
Tel. 2 0320 — LISBOA

BIOGRAPHIA

DO

SENHOR D. PEDRO II

IMPERADOR DO BRASIL

Nº 889

O
SENHOR D. PEDRO II
IMPERADOR DO BRASIL

BIOGRAPHIA

POR

MONSENHOR JOAQUIM PINTO DE CAMPOS

(COM O RETRATO DE S. M. IMPERIAL)

E COM UMA ADVERTENCIA

POR

Camillo Castello Branco

LIVRARIA ECLÉCTICA LISBOA C. do Combro, 58

PORTO:
TYPOGRAPHIA PEREIRA DA SILVA
Praça de Santa Thereza, 63

1871

ADVERTENCIA

A biographia do Snr. D. Pedro II, trasladada n'este livro, é escripta por um dos mais insignes litteratos do imperio brasileiro. Monsenhor Joaquim Pinto de Campos, n'este primoroso trabalho, revela dotes superiores de bem pensar, de bem escrever, e — o que mais realça—de manter a verdade historica, a respeito de um principe vivo, sem incorrer, se quer, na venialidade da lisonja.

Foi publicada esta biographia em um periodico litterario do Rio de Janeiro, annos antes que o Brasil fosse apalpado pela mão da trabalhosa guerra que mais relevantes lhe tornou os merecimentos ao louvor, apoz

a suspirada victoria. E' muito para desejar que a vigorosa penna que tão magistralmente urdiu a historia da pacifica existencia de Sua Magestade Imperial, nos descreva os corajosos alentos insinuados pelo augusto imperante no animo brioso dos generaes que lhe honraram o reinado, tanto quanto se nobilitaram servindo o imperio.

Os factos, porém, relativos ao periodo deploravel que perturbou temporariamente a prosperidade do Brasil, sacrificando á honra as vidas de muitissimos filhos seus, são recentissimos, bastante notorios, e viriam superfluos, sobre dissonantes, se outro historiador os relatasse.

Este livro não se apresenta occasionado sómente pela visita com que o festejado Imperador honrou a terra de seu augusto pai e avós. Cabe-lhe mais elevada graduação e quilate de outra mais nobre especie, por que ha ahi paginas identificadas ás da historia de Portugal, e relanços capitaes da vida politica do Brasil, mal conhecida entre nós, dado que por amor da lingua e costumes, e das relações commerciaes, e da tão vasta quanto respeitavel colonia portugueza n'aquelle imperio, nos estejámos sempre mutuando affectos como de irmãos.

Houve quem, possuindo o periodico em que Monsenhor Pinto de Campos publicou os seus preciosos artigos, se lembrasse de responder com este livro á curio-

sidade de muitissimas pessoas que de nome apenas conhecem o augusto hospede que tantas affeições grangeou em Portugal. N'esse estimavel pensamento fui convidado a collaborar, em parte assim insignificante quanto dispensavel; porém, como na citada biographia superabundassem notas circumstanciadas de illucidações politicas menos interessantes para portuguezes, cedi a illiminar n'este traslado as menos precisas na narrativa.

Não sei que impressão deixará no animo do leitor a biographia de tão bondoso quanto illustrado principe. Deve de ser estranha, attenta a raridade dos vultos magestosos d'este porte que nos offerece a historia contemporanea; e deve de ser melancolica, se entramos em confrontos de que não podemos tirar senão traços que nem os thuriferarios abjectos pódem fazer parecidas entre si. Figurou-se, outr'ora, que a Providencia nos dera um rei com o coração aureolado por grandes virtudes e talentos; mas, um dia, fechou-se uma sepultura; e a bella alma, que se allumiou em estrella de eterna saudade para portuguezes, não póde baixar com os seus resplendores até ao throno d'onde subira.

A' primeira vista, avulta-se a uns certos illuminados na arte de governar que os reis constitucionaes dispensam a pratica das bibliothecas, e o tracto dos bons exemplares em materia de reinar. Não é bem assim, pos-

to que se haja ahi escripto que D. João III fôra rei magnifico, mas que a muito custo soubesse deletrear os Regimentos da Inquisição; e que D. João II, o assassino de dous duques seus reaes parentes, não era tambem melhor lettrado.

Seja como fôr, a ignorancia dos reis não é coisa a que devamos consagrar poemas, invocando as tagides, nem os Pyndaros modernos lhe poderiam ajustar os seus épodos cantados ao arpejo das guitarras palacianas.

Eu, por mim e em nome dos amantes dos seus reis e da gloria da sua terra, quereria que de todos os soberanos portuguezes se podesse dizer, sem as fragrancias do tomilho da adulação, o que Monsenhor Pinto de Campos tão luminosa como verdadeiramente conta do augusto Imperador do Brasil.

Camillo Castello Branco.

O SENHOR D. PEDRO II

IMPERADOR DO BRAZIL

APONTAMENTOS BIOGRAPHICOS

Comprehendi o arduo da tarefa que me impuz, e acceitei-a.

Era mister valor; pois não era?

Todas as especies de grandeza, mas acima de todas essa que domina sobre a cupula do edificio social, a realeza, pagam com muitos descontos o grande peccado da elevação. Uma lei de optica das turbas diminue, attenúa, aniquilla a natural dimensão do vulto, que avistam em alturas inaccessiveis. Vingam-se do sol que as illumina, contando-lhe, exaggerando-lhe as maculas.

Certo é que em taes posições, quando a mão que se avalia, abre e fecha cofre de graças, ha sempre quem

attribua a ruins impulsos as singelas palavras de equidade. O animo prevenido é incapaz de julgar.

E como, não raro, bajulação torpe tem prejudicado os grandes, ha quem qualifique — toda a verdade de lisonja — todo o louvor de adulação — todo o rigor historico de calculo — toda a justiça de incenso.

Triste disposição de espirito, em todos os tempos e logares, arrasta o homem insensivelmente para a maledicencia, com que sonhamos elevar-nos, antes que para os encomios, que repellimos como se elles nos fossem hostis. Por via de regra, toleram-se, applaudem-se as paginas de satyra; recusam-se, despresam-se as linhas de biographia.

Está assentado como incontroverso, no tribunal da incontinencia politica, que todo o louvor a mortos denuncia inveja, todo o gabo a vivos lisonja.

E ha-de a mente covarde transigir com a tyrannia de opinião irracional? Ha-de a virtude, porque se assenta no solio, perder os fóros, que na choupana lhe assistiriam? Ha-de o direito mudar de natureza, não segundo as suas leis eternas, mas por odio á elevação? Ha-de a verdade, envergonhada, e foragida, deixar o campo á calumnia triumphante? Por tal modo terá já oscillado o pendulo, que d'aquelle extremo que collocava os reis superiores a toda a justiça humana, os tenha-

mos transportado hoje ao outro extremo, em que nem para elles já haja essa humana justiça, a vulgar, a universal?

Oh, não! No dia em que tanto alardeamos as conquistas da dignidade de nossa especie, em que estabelecemos essa dignidade, e egualdade do homem, como deposito sagrado, como dogma social, respeitemol-a, — não como egoismo, mas como principio, — não só em nós mesmos, como nos outros.

Fôra perigoso pensamento o da perpetua negação do merito, quando elle existe em altas regiões; nem para os actos nobres haveria recompensa, nem para os successores estimulo de imitação. Politica barbara, ingrata, rachytica, descivilisadora!

Se é pois util dizer a verdade, que importa como a receberão? A penna obscura, que estas linhas vai por aqui traçando, tem coragem bastante para supportar aleives; contenta-se com a approvação dos sensatos. Move essa penna mão, que nunca se estendeu para sollicitar uma graça, e espera assim mirrar-se debaixo da campa. Esta voz, costumada a não modular-se por considerações hyerarchicas, exprimirá francamente os seus pensamentos, e fórma tão elevado conceito do animo que vai estudar, que julga ser mais bemvinda na plena liberdade de expressão, do que o seria com cautelosos arteficios da palavra.

A alguem que projectava tentar um esboço biographico do Senhor D. Pedro Segundo, respondia nobremente o monarcha: — « Não desconheço as condições passivas em que, como homem publico, a sorte me collocou; não me pertenço. V. sabe quaes as minhas idéas sobre as franquezas da imprensa; nem posso oppôr-me, nem o desejo; mas se realisar o seu projecto, só lhe rogo que menos consulte o seu coração, do que a sua cabeça. »

Esta phrase é caracteristica, e basta, por si só, para avaliar de que modo seria acolhida a lisonja, se labios como estes fossem capazes de a proferir.

Não mais! Para os imparciaes, será já demasiado. Para os mal-dispostos, nada seria sufficiente.

BIOGRAPHIA

O SENHOR D. PEDRO II

IMPERADOR DO BRAZIL

I

PESADA é a carga de um nome excelso.

Basta nascer em regio berço para ser condemnado á immortalidade. Não depende de facto proprio o ser inscripto nos annaes da humanidade, mas depende, e muito, a côr dourada ou negra de similhante inscripção. Duas estradas amplipatentes se abrem ante esses nomes estrepitosos: uma a do crime, outra a da virtude; aquella a da maldicção, esta a das bençãos. Ao principe é deixada a escolha.

Mas se já parecem tormentosos pelo cargo os recifes d'esses mares, duplamente o são, quando o fulgor de série immensa de antepassados reflecte sobre o prin-

cipe, que tem por dever honrar as cinzas de seus preclaros avós; é o mais fidalgo morgado, que importa ir transmittindo sempre brilhante e engrandecido ás mais remotas gerações.

Tal a situação radiante, mas escabrosa, em que o Senhor D. Pedro veio ao mundo. Sobre o thalamo de seus augustos pais explendiam as primeiras corôas do universo, conservadas de seculo em seculo por todos os tempos historicos, e esse sangue lhe impunha obrigações. (1)

A's exigencias de seu particular destino acces-

(1) Não se senta, em throno algum do mundo, soberano mais illustre por continua linhagem de testas corôadas. Não ha uma só casa reinante da Europa com quem esta se não intronque. Entre os ascendentes, e parentes mui proximos da linha recta, não só se contam soberanos de Inglaterra, França, Aragão, Castella, Hespanha, Saboia, Austria, Prussia, Russia, etc., mas altas personagens historicas, descobridores, conquistadores, papas, santos.

Cumpre, porém, apontar aqui a nobre ascendencia de pais e avós, por ambas as linhas.

E' o Snr. D. Pedro II, primogenito varão das primeiras nupcias do Snr. D. Pedro I, como imperador do Brazil, e IV, como rei de Portugal, com a Senhora D. Maria Leopoldina Josefa Carolina, archiduqueza d'Austria, e irmã da imperatriz de França, segunda mulher de Napoleão I.

AVÓS PATERNOS

Snr. D. Pedro I, primogenito sobrevivente do Snr. D. João VI, Imperador e Rei.

Snr. D. João VI, primogenito sobrevivente da Snr.ª Rainha D. Maria I.

Snr.ª D. Maria I, primogenita das quatro filhas do Snr. Rei D. José I.

Snr. D. José, primogenito sobrevivente do Snr. Rei D. João V.

Snr. D. João V, dito dito dito do Snr. Rei D. Pedro II.

ciam as do futuro do paiz que tinha, quasi desde a infancia, de governar. Se houvera nascido alguns annos antes, e sem que os graves successos do fraccionamento da immensa monarchia se tivessem verificado, essa real cabeça supportaria uma corôa que abrangeria as mais formosas regiões das cinco partes do mundo. Ainda assim, a sorte lhe destinou este Eden, que se denomina America, e n'ella a primeira nação; este Brasil, tão heroico pelo valor, tão leal pelo caracter, tão emprehendedor pelo genio de seus naturaes; este Brasil, tão vasto pela extensão, tão fecundo pela uberdade, tão rico pela

Snr. D. Pedro II, irmão do Snr. Rei D. Affonso VI e filho do Snr. Rei D. João IV.

Snr. D. João IV, oitavo duque de Bragança, neto da Snr.ª D. Catharina, filha do Snr. D. Duarte, filho do Snr. Rei D. Manoel e sobrinha do Snr. Cardeal-rei D. Henrique, filho do mesmo Snr. Rei D. Manoel.

Snr. D. Manoel, filho do Snr. Infante D. Fernando, neto do Snr. Rei D. Duarte e primo dos Snrs. Reis D. Affonso IV e D. João II.

Snr. D. Duarte, filho primogenito do Snr. Rei D. João I.

Snr. D. João I, filho do Snr. Rei D. Pedro I e irmão do Snr. Rei D. Fernando.

Snr. D. Pedro I, primogenito varão sobrevivente do Snr. D. Affonso IV

Snr. D. Affonso IV, primogenito do Snr. Rei D. Diniz.

Snr. D. Diniz, primogenito sobrevivente do Snr. Rei D. Affonso III.

Snr. D. Affonso III, irmão do Snr. Rei D. Sancho II e filho do Snr. Rei D Affonso II.

Snr. D. Affonso II, primogenito do Snr. Rei D. Sancho I.

Snr. D. Sancho I, primogenito do Snr. D Affonso Henriques.

Snr. D. Affonso Henriques, filho unico do Snr. Conde de Portugal D. Henrique, neto materno do Snr. D. Affonso VI, rei de Galliza, Castella e Leão.

Snr. D. Henrique, neto de Roberto, duque reinante de Borgonha.

variedade do seu solo; este Brasil tão banhado de oceano, tão pautado de rios, tão frondoso de bosques, tão magestoso de catadupas, tão opulento de minas, tão povoado de animaes, tão matizado de flores, tão namorado do sol!

O Brasil que, durante treze annos, tivera em seu seio a côrte portugueza, entendia que já estava maduro para uma vida de independencia; e á alta intelligencia, inexcedivel dedicação e posição prestigiosa do Snr. D. Pedro I, de accordo com a disposição dos animos, foi devida a obra da nossa elevação á cathegoria de nação independente e soberana.

Roberto, filho de Roberto, rei de França.

Roberto, filho de Hugo Capeto, rei de França, e fundador da sua terceira raça, no anno 987.

Hugo Capeto, filho de Hugo o Grande, duque reinante de Borgonha e filho de Roberto, rei de França

Roberto, irmão de el-Rei Eudes e filho do conde de Paris, Roberto o Forte, o exaltado ao throno em 888, etc., etc.

AVÓS MATERNOS

Snr.ª D. Maria Leopoldina, filha do Imperador Francisco II de Allemanha e I de Austria, rei da Hungria e Bohemia, irmão do Grão-Duque de Toscana.

Francisco II, filho de Leopoldo II, rei da Hungria e Bohemia, irmão do imperador e rei José II, e das rainhas de Napoles, Hespanha e França.

Leopoldo II, filho da Imperatriz Maria Thereza, mulher do imperador Francisco I.

Maria Thereza, filha do Imperador Carlos VI.

Carlos VI, filho do Imperador Leopoldo I.

Leopoldo I, filho do Imperador Fernando III.

E assim se vai de sceptro em sceptro subindo até Santo Estevão, o Duque, o Apostolo, o Santo, o Rei da Hungria em 997.

Não comporta a indole d'este escripto mais amplo desenvolvimento, nem as evidencias precisam demonstrações.

Haviam cahido em pedaços todas as possessões americanas da grande nação hespanhola; cada zona, cada palmo d'esse territorio se foi progressivamente destacando, como corpo moribundo, invadido pela gangrena, e que vai successivamente pagando o seu tributo á dissolução e á morte. Todos esses destroços da nobre Hespanha se foram attenuando e nullificando; a fórma republicana implantou n'elles o germen da anarchia, e a caudilhagem, e a desordem e o retrocesso campearam impunes nas plagas outr'ora regidas pelo leão da Iberia.

Por um contraste explendido, o Brasil estabelecendo um cordão sanitario, unico da America, contra as idéas e instituições demagogicas, lançou á terra, desde o dia da sua separação, a semente d'esta grandeza e prosperidade, que tornará nossos vindouros felizes e poderosos.

Tal resultado se deveu a varias causas, entre as quaes dominavam:—a indole suave, amiga e monarchica dos nossos conterraneos—a antiga brandura de nossos habitos—o instincto civilisador do nosso povo—o termos sido capitaneados pelo Snr. D. Pedro I, nos dias criticos—o ter-nos este liberalisado o pacto fundamental mais formoso, mais digno, mais sabio de quantos ha sobre a terra.

Eis-ahi porque se observa um phenomeno, para nós consolador: ambas as Americas se tem constantemente visto a braços com ambições infrenes, aspirações desorganisadoras, revoltas ensanguentadas; o Brasil, á sombra de sua constituição, vive, floresce e prospéra, e

quasi não ha uma voz em todo o Imperio que a não tome por arca santa, em que por tacito consenso ninguem ousa pôr mão sacrilega. Mas, que dizemos! a America? Melhor diriamos, a redondeza. Não ha uma nação no orbe inteiro, cuja constituição vigente seja tão antiga como a que rege o Brasil. Houve hontem os Estados-Unidos, mas a sua constituição rasgou-a o rostro do *Merrimac*. Ha tambem, nas imaginações, um phantasma, denominado carta ingleza, que seria mais velho se não fosse phantasma, lenda, mytho. Constituição real verdadeira, é do Brasil a mais antiga.

D'essa constituição salvadora é o Snr. D. Pedro II irmão gemeo. Ambos nascêram no mesmo anno (1), e os dous irmãos vivem um com o outro, um pelo outro, um para o outro. Tres annos apenas antes (2) haviamos proclamado a nossa nacionalidade; de modo que bem póde dizer-se que no mesmo instante fulguraram os quatro grandes signos do zodiaco Brazileiro: — D. Pedro I — Independencia — Constituição — D. Pedro II!!

(1) Foi jurada a Constituição a 25 de Março de 1825; nasceu o Snr. D. Pedro II a 2 de Dezembro do mesmo anno.

(2) O grito da Independencia foi em 7 de Setembro de 1822; o reconhecimento de Portugal aos 29 de Agosto, sempre d'aquelle anno de 1825.

II

O Sr. D. Pedro estava envolto ainda nas fachas infantis, quando novos successos estrondosos vinham influir radicalmente na sua sorte, creando-lhe inesperados destinos. Acabava o real menino de completar um lustro apenas, quando prematuramente lhe pousaram corôa de ferro sobre cabeça de infante.

Algumas palavras ácerca d'esse periodo de tão vasta influição.

Hoje, que mais de trinta annos nos separam de tão agitados dias, — hoje, que um longo tirocinio de autonomia e liberdade fez calar nos animos a convicção dos limites, e da extensão dos direitos, deveres e conveniencias; — hoje, que o *wagon* do Estado gyra em seus carris, sem choques, nem abalos; — hoje, finalmente, que já o poder tem prestigio, as ambições cravaram seus marcos muito para áquem d'aquelle tempo, os interesses tendem a fundir-se n'um e unico, as aspirações

de boa ou má fé encaneceram ou se transformaram: — hoje é licito dizer a verdade, sem excitar celeuma de odios.

E por que não concederemos tambem ao verdor juvenil d'uma sociedade o que desculpamos ao verdor juvenil do individuo? Aos vinte annos, quasi todo o homem é ultra-liberal: as palavras abstractas *liberdade, dignidade, igualdade* são tão suaves a todo o coração generoso! Só mais tarde vem a experiencia demonstrar a temperança que na pratica social taes vocabulos demandam.

Dêmos que no Brasil de 1831, muitos agitadores (ponhamos *todos)* eram embalados por estremes impulsos de amor da patria, embora desvairado. Assás largo quinhão ahi fica para santificação de intenções; baixemos aos successos.

Com os acontecimentos, então recentes, duas ordens de questões surgiram: — fundação d'uma nacionalidade — sua constituição organica. Que nem sempre estes dous problemas são isochronos, o está hoje presenciando o mundo, em guerras de gigantes. Na America Septentrional é o brado: *Viva a liberdade, com a separação dos outr'ora unidos.* Na Italia é o brado: *Viva a liberdade, com a união dos outr'ora separados.* Póde pois haver em uma de taes questões, um terreno neutro para todas as opiniões, e summa divergencia na outra.

Isto succedeu no Brasil.

Tres alvitres acharam maior ou menor numero de partidarios: o absolutismo — a monarchia representativa — a republica. Do primeiro e ultimo eram raros os

adeptos. Da segunda bandeira era alferes o grande homem a quem devemos imperecedouros serviços; essa a cohorte em torno da qual se foi arregimentando, unida e compacta e unanime, a sociedade brasileira. Tal era no dia da justiça a popularidade e gratidão dos povos, que essa divida (hoje finalmente paga) quizeram satisfazel-a com uma apotheose em vida, com a erecção d'uma estatua de bronze, que ao principe, assim exaltado, fosse dado contemplar com seus olhos.

Porém, n'esses dias criticos, a lucta ardente das idéas transformava-se inevitavelmente em factos. O fundador da monarchia entendeu que, para consolidação da sua obra, lhe cumpria modificar o pessoal dos que chamára para artifices do monumento. Demittiu o primeiro ministerio, dissolveu a constituinte, e com o assenso dos povos outorgou a mais liberal constituição.

Mas a lei fundamental tinha, para muitos, duas maculas: estabelecia a continuação de uma religião do Estado, e a fórma de uma monarchia, com a respectiva designação dynastica. Para os demagogos, cumpria *delir essa Carthago;* e como o heroe era o principal penhor da ordem, declarar-lhe uma guerra pessoal, violenta, atroz, incessante, sem treguas. Uns por estes motivos, outros arrastados, lá foram engrossando fileiras, até que este triste estado chegou á mais precaria das situações.

Não o desconhecia o Imperador. O partido democratico, adoptando como symbolo a palavra *Federação,* não occultava já as suas idéas. Por isto é que o Snr. D. Pedro I, em sua posição defensiva, exclamava aos povos

na proclamação que de Ouro Preto lhes dirigia: «*Ajudai-me a sustentar a constituição, tal qual existe, e nós jurámos.*»

Era tarde, como hoje se escreve em phrase revolucionaria; os diques estavam transpostos; a inundação irrompeu. Dir-se-hia *que Annibal batia ás portas de Roma....*

Se foi Annibal, despresou aproveitar as licções de temporisação (que tão uteis lhe seriam) dos antagonistas Fabios Maximos. Se foi Annibal, foi tambem o Scipião Africano de si mesmo.

Raiou o dia seis d'Abril, com todo o seu cortejo de tumultos, com todo o seu desprender de vinculos politicos e sociaes. Corramos um véo sobre o que esses dias ostentam de melancolico, e observemos sómente o vulto heroico. Se D. Pedro desembainhasse então sua invencivel espada, a uma só palavra, a um só aceno seu, ondas de sangue tingiriam nossas praças, e as furias de uma indomita guerra civil invadiriam o imperio inteiro, talvez para annos largos! Não era o Defensor Perpetuo do Brazil homem de vingança, nem de egoismo; bem poude dizer que *mui voluntariamente abdicava.* Esperava que o paiz tanto seu devedor, respeitaria o deposito precioso que lhe deixava, e partiu para em longes terras ir ainda pugnar, e morrer pela lei, e pela liberdade. Partiu, em dias máos: houve quem entendesse então que os symbolos da realeza deviam espedaçar-se, para lhes aproveitar o ouro e os brilhantes; era o meio de tornar certas idéas eloquentemente tangiveis!

Esta abdicação espontanea teve ainda a vantagem de arrancar o Brazil ao stygma de revolucionario. Foi a corôa devolvida na ordem da successão, segundo o direito fundamental, e por acto legal, e voluntario do Imperante; não houve combate, sangue, nem resistencia; nas instituições não se deu modificação e desapparece a idéa de coacção, desde que se vê esse Imperante declarar (e com todo o fundamento) ter assim obrado *por que lhe approuve*. Por tal fórma terminou a sua historia no Brasil aquelle que, como homem commetteu erros, mas como Bemfeitor d'esta Nação, lhe merece perennaes testemunhos de reconhecimento.

Era noute, quando D. Pedro o Grande resolveu transportar-se para bordo da nau ingleza, que o devia levar á Europa. Dirigiu-se primeiro ao aposento do filho, da innocente creança a quem o rigor da sorte punia com tão prematura elevação. A creança dormia. Não quiz seu pae que a accordassem. Ficou alguns minutos contemplando-a mudo. O que em taes circumstancias lhe tumultuaria no espirito, o embate dos sentimentos de affecto, de piedade, de terror, de esperança, de saudade, não é dado á penna descrevel-o. Era a immensa alma de D. Pedro absorta; quem poderia pintar, imaginar mesmo o que lhe iria lá dentro?

Afinal, arrancou-se e partiu. (1) Com o ultimo os-

(1) Testemunha occular nos assevera dous factos, que importa aqui repetir. Nos dias immediatos ao em que o Snr. D. Pedro se recolheu a bordo da nau ingleza, recebeu valiosissimos offerecimentos de algumas das mais leaes espadas. (Poderiamos citar com honra alguns d'esses illustres nomes). S. M. agradecendo,

culo paterno, tinha o heroe depositado sobre aquelle travesseiro infantil, corôa... que mais promettia espinhos do que rosas.

E desde esse dia, inscreveu o Brasil no catalogo dos seus monarchas, o nome do Snr. D. Pedro II como segundo Imperador.

pediu a todos que as reservassem para defeza do throno de seu filho, accrescentando esta phrase:—«Des que livremente abdiquei, o desembainhar a minha espada já não seria acto de rei, mas de rebelde.»

Foram, no dia 9, contar a D. Pedro, o que n'essa manhã se havia passado, quando o menino Imperador fôra assistir ao *Te-Deum*, na Imperial capella; que ondas de povo se haviam reunido para o verem passar; que apenas despontou elle em um coche, puchado por innumeraveis braços, rebentou immensidade de vivas; que todos se abraçavam, e congratulavam; que após os juizes de paz, que iam a cavallo, com as bandeiras verdes desenroladas, seguiam mais de 500 cidadãos com os braços entrelaçados, e vozeando, etc., etc. Então o Snr. D. Pedro, recostada a cabeça á dextra, fitos os olhos na sua outr'ora tão fiel cidade, deixou deslisar-se-lhe uma lagrima, e disse pausadamente:—«Pedaços d'alma! Patria! Filhos! Pouco ha que iguaes vivas retumbaram em honra minha; e eu fui objecto de iguaes manifestações... E hoje! Possa a fortuna ser mais fiel a meu filho! Possa o seu coração nunca ser dilacerado como este que tanto amou os proprios que o desconhecem.»

E, intranhado em suas meditações, ninguem então ousou responder-lhe nem consola-lo.

III

O Imperial menino, privado de pae após um lustro, foi orphão de mãe desde a tenra edade d'um anno.

E quem era essa mãe? — Tres imperatrizes se hão sentado no throno do Brasil; e essas tres imperatrizes teem sido todas modelos de virtude. A Snr.ª D. Leopoldina, adoravel Princeza, da mais vasta instrucção, dos mais extraordinarios talentos, da mais severa virtude, do mais delicado tracto, dos mais austeros principios, da mais generosa singelesa, nem conhecida pôde ser por seus filhos varões: o Principe D. João morreu, um anno depois de nascido; um anno depois de nascido, o Principe D. Pedro perdêra sua mãe. Não foi dado ao triste orphãosinho aprender a sorrir no sorriso materno, nem a balbuciar palavras de amor, nem inspirar-se nos grandes sentimentos, nem a receber o fermento das nobres acções na palavra, e no exemplo vivo de sua veneranda progenitriz. Acreditemos, porém, que es-

sa bella alma, tão cedo desprendida do involucro terrestre, subiu ao firmamento para das alturas continuar a amparar o filho querido de suas entranhas, o herdeiro do seu nome, e do seu sangue.

Na terra lhe ficára segunda mãe, na pessoa da Condessa de Belmonte, D. Marianna de Verna Magalhães, a cujos desvélos foi entregue, desde o nascimento, o imperial menino. Não ha mãe, por mais estremecida, que tamanho affecto depositasse no fructo de seus amores. A honrosa gratidão do imperial pupillo faz que nunca elle falle dos cuidados d'essa senhora, sem encarecer os impagaveis serviços, e sobretudo a quasi idolatra affeição que lhe deveu. Este reconhecimento energico, honra a ambos em grau egual.

Tambem o preclaro Principe sempre se recorda com gratidão das diligentes attenções de seus outros professores; e cumpre aqui advertir que a direcção litteraria do snr. Visconde de Sapucahy concorreu altamente para o gosto que o seu augusto alumno desenvolveu pelas lettras; e que a educação religiosa e moral do snr. Bispo de Chrysopolis fez desabrochar as espontaneas sementes de rectidão e fé congenitas com aquelle privilegiado espirito.

Logo depois da abdicação, a Regencia interina (composta dos snrs. Marquez de Caravellas, Vergueiro, e Lima e Silva) deu publicidade ás derradeiras disposições do Snr. D. Pedro I, entre as quaes figurava a nomeação do Conselheiro José Bonifacio de Andrada e Silva, para tutor do joven monarcha; mas como a posse d'esse car-

go tivesse de demorar-se, nomeou, por decreto de 11 de Abril de 1831, o snr. Marquez de Itanhaem, Mordomo-mór interino, a quem muito especialmente recommendou a guarda, e a vigilancia sobre as augustas Pessoas do Imperador, e das Princezas, suas irmãs. Após rectificação, pela Assembléa Geral, da nomeação feita pelo Snr. D. Pedro I, tomou o Conselheiro José Bonifacio posse da honrosissima tutella, aos 24 do seguinte Agosto.

Em seguida, chamou logo para aio do Imperador menino o gentil homem Francisco Maria Telles, fidalgo de antiga linhagem, o mais leal dos servidores, posto que o horisonte de sua propria instrucção ficasse muito áquem do que exigia a intelligencia do Principe confiado a seus cuidados. Telles se conservou n'este serviço até a exoneração do mesmo Conselheiro a quem substituiu, como tutor, interinamente nomeado pelo Governo, a 14 de Dezembro de 1833, o snr. Marquez de Itanhaem, depois confirmado pela Assembléa Geral, e conservado no seu cargo até á declaração da maioridade.

O snr. Marquez convocou as pessoas mais habilitadas para instruirem a puericia do Principe, e de suas augustas irmãs, nas varias disciplinas, como adiante veremos. Para os folguedos proprios de tão tenras edades, chamava o zeloso tutor, os filhos e filhas das pessoas principaes, e que tinham ingresso na côrte. N'esses brincos, como nos estudos compativeis com o seu sexo, as formosas Princezinhas acompanhavam sempre seu irmão mais novo.

Assim se deslisou aquella quadra, que geralmente

a naturesa humana condemna ao desaproveitamento, ainda nas mentes mais precoces.

Passemos a ver como n'este infatigavel Principe, quasi não houve um só dia deixado aos jogos infantis, applicando-se desde o berço á cultura de sua intelligencia.

IV

Consideremos agora o Imperador, em relação aos seus estudos, habilitações, gostos litterarios, e tracto com os sabios. Assumpto é este que importa encarar no seu complexo, sem subjeição a successões chronologicas.

Com affinco mui superior á sua edade, se applicou o snr. D. Pedro, desde a infancia, ao apaixonado estudo dos idiomas, da historia, da geographia, das mathematicas, da religião, das sciencias positivas, e naturaes, da litteratura, bem como das bellas artes, desenho, pintura, etc. (1)

(1) Foram os primeiros Mestres de S. M. I. os senhores:
Boulanger — de primeiras lettras.
Boiret — de francez.
Nathaniel Lucas — de inglez.
Dr. Roque Shuch — de allemão, italiano, etc.
Felix Emilio Taunay — de geographia e historia.
Simplicio — de desenho e pintura.
Padre Mestre Fr. Pedro (Bispo de Chrysopolis) — de religião, mathematicas e rudimentos de latim.
Candido José de Araujo Vianna (Visconde de Sapucahy) — de latinidade, sciencias positivas e litteratura.
Alexandre Vandelli — de sciencias naturaes.

Desde que foi confiado aos cuidados dos mestres, teve a creança comportamento viril. Nunca foi necessario chama-lo para o estudo; talvez antes se julgasse algumas vezes prudente recommendar-lhe abstenção de applicação tão prolongada (1). Tal disposição de espirito, favorecida por uma memoria estupenda, devia produzir seus naturaes effeitos.

Em nenhum dos conhecimentos humanos o Imperador é hospede.

As sciencias physicas, a historia natural em seus diversos ramos, as mathematicas, a astronomia, são disciplinas de sua predilecção.

Tem-se dado amplamente ao estudo da historia, e seus auxiliares, a geographia, e chronologia.

São-lhe familiares, e objecto de particular attenção, os livros sobre arte de governar, direito publico, e internacional, economia politica, e sciencia de administração, e seus diversos ramos.

Conhece a fundo as linguas patria, latina, franceza, italiana, e allemã: sabe a hespanhola, e ingleza; não é estranho á grega.

A ethnographia, a lingua guarany, e os principaes

(1) Muitas vezes o snr. Bispo de Chrysopolis, sendo já adiantada a noite, se transportava ao aposento do menino, e achando-o sobre os livros, lhe representava que sua idade tenra não comportava semilhante assiduidade, com que a saude, e até a natureza se lhe podia prejudicar. Convidava-o a recostar-se, e apagava-lhe a luz. Algumas vezes voltando, passada meia hora, ou uma hora, tornava a achar o estudantinho sobre seus livros, tendo por si mesmo reaccendido as luzes!

dialectos dos selvagens hão-lhe sido assumpto de lucubrações.

Faz as suas delicias a litteratura em geral, sendo cabal conhecedor da classica, e da franceza, italiana, ingleza, allemã.

Esmera-se na cultura da lingua portugueza, que falla, e escreve com pureza superior ao commum dos lettrados.

Todos os annos, desde a infancia, o Imperador visitava a fazenda de Santa Cruz, dando-se á caça, em cujo exercicio se tornou mui destro. Tambem se exercitou no jogo das armas, e na equitação.

Sabe musica, desenha e pinta, e tem extensas noções de architectura. E' em taes materias competente juiz.

Está em dia com os descobrimentos, e invenções, e geralmente com o progresso das artes, e sciencias.

A sua casa predilecta no Paço é a vasta sala, que para livraria mandou construir, com todas as condições desejaveis, na parte mais elevada do Palacio, propria para estudo pelo isolamento, pelo socego, pelo festivo, e magnifico horisonte, que de suas janellas se descortina, e sobre tudo pela multiplicidade de elementos de estudo, que n'aquelle academico recinto se acham reunidos: — profusão de atlas, mappas, desenhos, esculpturas, manuscriptos, livros. (1) A restante parte d'este pavilhão é

(1) A livraria particular do Imperador é numerosa, e escolhida. De dia em dia se vai enriquecendo, por quanto S. M. tem agentes seus especiaes em Pariz, e Lisboa, com ordem geral para lhe remetterem, apenas sahem á luz, todas as obras de importancia, e em qualquer idioma, que na Europa se forem publicando.

consagrada a um museu, sala de Physica, observatorio astronomico, gabinete telegraphico e identicas pertenças.

N'esse templo das lettras, n'essa bibliotheca, recebe elle algumas vezes os nacionaes, e estrangeiros sabios, a quem deseja distinguir, nas mais amenas praticas litterarias. Em taes occasiões, totalmente desapparece o superior, desvelando-se para só parecer egual; o imperante, para só dar logar ao sabio. E' n'essas tranquillas palestras, isentas de todo o cerimonial, e em que o cidadão hierarchicamente mais obscuro é posto tanto á sua vontade, como se estivesse a sós com um seu confrade em lettras, que o Imperador mostra, em phrase desambiciosa, mas com o maior brilho de idéas, a vastidão de seu saber em todos os ramos dos conhecimentos humanos; conversação sempre variada, solida, instructiva, suavissima.

Quantos estrangeiros o teem tratado, juizes habilitados, affirmam que tão admiravel, e cultivada intelligencia honraria qualquer dos primeiros thronos do mundo. Um d'elles dizia, após a exposição dos fundamentos de sua opinião enthusiastica:—« E' fortuna para um povo ter um homem tal no throno; mas seria fortuna ainda maior se em escala menos alta a sociedade aproveitasse o que tal intelligencia poderia produzir.»

Poetas, historiadores e sabios estrangeiros se teem dirigido ao Imperador, escrevendo-lhe, e dedicando-lhe ou offerecendo-lhe suas obras, e com alguns se tem S. M. I. correspondido. Entre aquelles ou estes, figuram os

snrs. Lamartine (1), Humboldt, Manzoni, Alexandre Herculano, Ferrão, Fleuscher, Antonio Feliciano de Castilho e outros.

(1) Cada um d'estes preclaros nomes poderia dar logar a valiosos, e honrosissimos trechos, mas veda-nos pormenores a estreiteza dos limites d'este escripto. Não é possivel todavia resistir ao impulso de transcrever aqui uma carta, cuja copia é devida a um benevolo amigo do immortal auctor das Meditações, das Harmonias e do Jocelyn, genio como orador, genio como publicista, genio como historiador, genio como governante, genio até como revolucionario, mas sobretudo, e mesmo em cada uma d'aquellas qualidades, assombroso genio como poeta... não como poeta que alinha versos, ou vivifica inspirações; mas poeta d'alma, que procura através da vida da humanidade a solução do problema eterno da philosophia; que talvez anteveja, e domine, das eminencias de seu espirito, as realidades do porvir, hoje acoimadas de utopias.

Leamos, com devoto recolhimento, estas linhas, que tanto honram ao principe dos poetas como ao principe philosopho:

«Sire! — Je reçois par Mr. Boulanger la nouvelle faveur que votre Majesté et Sa Majesté l'Impératrice ont bien voulu le charger de me transmettre. Cet honneur m'autorise à leur exprimer une seconde fois ma respectueuse reconnaissance.

«Tous les sujets de Votre Majesté, qui viennent ou qui écrivent du Brésil, se félicitent unanimement de vivre sous un prince qui a éteint dans le nouveau monde cette éternelle dispute entre les natures de gouvernement, républicain ou monarchique, par son caractère et par ses vertus: la liberté des républiques sans leur estabilité, la perpétuité des monarchies sans leur despotisme.

«J'ajoute que le goût des lettres sérieuses illustrera ce regne par des bienveillances dont j'ai le bonheur d'être un exemple.

«Voltaire a été encouragé par celui qu'on appelle le grand Frédéric; mais Voltaire était heureux et jeune; je suis consolé dans mes adversités e dans ma vieillessé par la *munificence* de Votre Majesté. Voltaire distribuait la gloire et je n'ai à offrir que ma reconnaissance. Les bienfaits de son royal ami étaint intéressés; ceux de Votre Majesté sont gratuits. Le prince philosophe dépasse le poete couronné de Potsdam.

«J'ai l'honneur d'être avec un profund respect de Votre Majesté Imperiale les très humble et très obéissant serviteur. — Al. de Lamartine. — Au Chateau de St. Louis prés Maior, 24 Septembre 1861.»

Tem finalmente o Imperador distinguido com mercês honorificas todos os sabios estrangeiros que as tem querido acceitar.

Suppômos não commetter censuravel imprudencia, reproduzindo alguns juisos por S. M. enunciados, n'um d'aquelles quasi familiares colloquios litterarios, que tanto e tão nobremente o deliciam. Haverá n'esta revelação abuso de alta confiança? Deveria ser-nos defesa a repetição de palavras, apresentadas particularmente como opinião modesta, e sem se imaginar que a imprensa houvesse de fixal-as? Talvez; e sendo assim, *me me adsum, in me convertite ferrum.*

Após longa e brilhante resenha das mais fidalgas producções do engenho humano, pouco mais ou menos n'estes termos se exprimia o imperial orador:

«Encanta-me a leitura da Biblia. N'ella não vemos sómente o pacto fundamental da nossa religião, senão que tambem (mórmente em alguns dos livros santos) os mais admiraveis modelos de estylo, na elegancia, na grandeza, nas imagens, na altiloquia, na inspiração verdadeiramente divina. Os prophetas são os primeiros poetas do mundo: as *Lamentações* de Jeremias, deplorando a sorte de sua patria; a sublimidade de idéas, a energia dos quadros, a vehemencia de estylo de Isaias, no *cantico* sobre a *Ruina de Babylonia;* Daniel annunciando a vinda do Messias, e as revoluções dos quatro grandes imperios; Ezequiel em seu estylo allegorico, posto que um tanto obscuro, mas sempre colorido e vigoroso; tudo isso são paginas de que o espirito humano

se ensoberbeceria, ainda quando não fossem revelações divinas. Não ha quem as leia sem sentir profunda commoção. E' tambem Tertuliano, e principalmente a sua *ferrea Apologetica,* uma das obras religiosas que mais me exaltam.

«Entre os historiadores da antiguidade muito me apraz Thucydides. O auctor da *Historia da guerra do Peloponeso,* o modelo de Demosthenes, deveria sêl-o de todos os historiadores: imparcialidade, methodo, instrucção, bom juiso, tudo o habilita a explanar habilmente (e como sempre, para ser util, conviria á historia) as causas, mólas e consequencias dos successos; assim o seu vigor fosse um tanto mais temperado por poesia de estylo. Ainda mais me agrada Tacito, o conciso, o imparcial, o philosopho, o verdadeiro, o eloquente profligador do crime e da tyrannia.

«Feliz Augusto, que tratou, premiou e inspirou taes vultos, como Virgilio e Horacio. Aquelle, rival de Homero, será sempre o typo da perfeição; este, sublime como Pindaro, gracioso como Anacreonte, numeroso como Archiloco, e Sapho, este poeta intraductivel, como todos os grandes poetas, satisfaz tanto mais na leitura, quanto exige frequentemente attenção, e estudo, para conceder essa gratificação.

«O, em todos os sentidos primeiro, poema da lingua italiana, a *Divina Comedia,* é das mais extraordinarias concepções. Affastados por mais de seis seculos d'aquelle idioma, d'aquellas allusões, d'aquellas obscuridades, que já no seu tempo o eram, não saboreamos

hoje a *Trilogia,* como fôra para desejar; mas por tal arte me enleva a sua leitura que conservo de memoria os mais notaveis de seus cantos.

«Compulso com respeito as obras de Bossuet, parecendo-me a sua *Historia das Variações* modelo de analyse e argumentação; o *Tratado do conhecimento de Deus e de si mesmo,* obra de profundo philosopho e grande escriptor; as suas *Orações funebres,* essas irresistiveis demonstrações do nada das grandezas humanas, zenith da eloquencia».

Dos classicos portuguezes deu o sabio interlocutor largas noticias, e depois de haver fallado especialmente de João de Barros, padre Vieira, dos dous Bernardes, Camões, Lucena, e outros, continuou assim:

«Mas, entre esses todos, o escriptor das minhas sympathias é o admiravel auctor da *Historia de S. Domingos* e da *Vida de Bartholomeu dos Martyres.* Essa elegancia de prosa, essa amenidade de estylo, essa sublimidade de conceito casam-se tanto com as condições naturaes da minha admiração, que talvez seja o meu affecto a este grande mestre, que me leva a considerar o drama *Fr. Luiz de Souza* como a primeira entre tantas distinctas obras de Garrett.

«Cultivam em Portugal com grande distincção as lettras n'este seculo, e mórmente desde o fim do seu primeiro quarto. Muitos d'esses escriptores são dignos de honrosa menção; e n'essa pleiade brilhante avultam em primeira plana Alexandre Herculano, cuja gravidade de dizer, e valentia de estylo me parecem inexcediveis;

e Antonio Feliciano de Castilho, cuja musa, que não envelhece, tem produzido os maiores milagres poeticos da nossa lingua».

Basta. Ahi fica lançado quanto revele quaes os estudos de S. M. I., a indole de sua intelligencia, seus gostos litterarios, suas relações com os sabios, os dotes de seu espirito.

V

Considerámos o Imperador, em seu berço, em sua primeira infancia, em sua successão ao throno, em seus estudos e habilitações. A ordem dos successos nos traz agora a assumpto gravissimo por si mesmo, seu alcance, suas circumstancias, seus riscos, seu aresto e suas consequencias.

Protestámos a nós mesmo, superpormo-nos a todas as considerações, para só tomarmos por pharol a verdade. Cumpre, n'este objecto melindroso, encarar a questão á luz dos principios, por não pertencermos á escóla, dos que, endeusando os *factos consummados,* estão prestes sempre e eleval-os á altura de justiça, e nem cremos na incompatibilidade das palavras *politica* e *direito*. E como não aspiremos a fóros de infallibilidade, seja-nos tolerada a expressão de opiniões, ainda quan-

do contrariam os successos triumphantes, e qualquer que seja a parte que todos (e cada um) hajam n'elles tomado.

Nove annos haviam decorrido, desde que o imperial mancebo fôra acclamado Imperador. E' certo que esse periodo fôra cheio de muitas perturbações, explicaveis pela dupla circumstancia—do trabalho da transformação, e agitação das idéas, começado desde 1820 —e da situação provisoria, e incommoda de todo o paiz monarchico, sob transitoria duração de Regencias.

Quatro foram estas:—a trina, já descripta;—a do snr. Lima e Silva, Braulio, e Costa Carvalho;—a do snr. Diogo Antonio Feijó;—a do snr. Pedro de Araujo Lima.—Nenhuma d'ellas repousou em colxão de rosas; todas nasceram em dias tempestuosos, viveram em luctas renhidas, succumbiram por meios desagradaveis.

As facções nas provincias haviam alçado o collo, ameaçando de muitos excessos. Aos germes de dissolução, que iam lavrando, suppoz-se pôr termo com a discussão e promulgação (aos 12 de Agosto de 1824) da *lei das reformas constitucionaes*.

Essa lei conferia ás provincias uma especie de autonomia, por meio de suas assembléas legislativas, convertendo, porque assim digamos, as instituições geraes n'uma quasi *monarchia federativa;* restringia o poder e a acção do governo central; supprimia o conselho d'Estado; e estabelecia as condições das regencias, durante as minoridades.

Não é este o lugar de aquilatar opportunidade,

conveniencia e alcance de similhantes disposições; além d'isso, incorporadas hoje na constituição, formam parte do nosso direito publico; cumpre acatal-as.

Mas essas e outras muitas concessões não satisfaziam as exigencias, sem cessar renascentes. Revoltas ensanguentadas, perigosas, multiplicadas; diuturnas, com aspirações, bandeiras e principios (?) diversos, iam invadindo formosas provincias do Imperio: Pernambuco, a Bahia, o Maranhão, o Pará, o Rio Grande foram theatro de mui deploraveis acontecimentos, em que não deve insistir quem escreve simplices apontamentos biographicos, e não chronica.

Assim eramos chegados ao anno de 1840. Manda a imparcialidade reconhecer que as circumstancias se tinham ido successivamente aggravando, e que o extremo elasterio consentido, já ás mais exaltadas ou desvairadas opiniões, já ás ambições sempre habeis na *pesca* em aguas turvas, tudo soprou violentamente sobre o céo do Brasil negras e condensadas nuvens, prenhes de electricidade politica. Não o neguemos: o governo tinha-se tornado *fraco: fraco* porque as noções da licença tinham invadido até mesmo o sanctuario da auctoridade; *fraco,* porque a desordem campeava impune, e talvez mais audaciosa ainda nas idéas que nos factos; *fraco,* porque as provincias pediam a Menenio Aggripa que lhes repetisse o seu apologo; *fraco,* porque de dia em dia se ia cavando o abysmo do *deficit; fraco,* porque as Regencias não dispunham do prestigio, e de alguns dos recursos magestaticos; *fraco,* emfim, por outros motivos,

que supprime quem deseja acatar a todos os nossos homens illustres, motivos que aliás se acham presentes e vivos na memoria e consciencia de todos.

Esta situação foi habilmente aproveitada. Para logo se creou, e tomou corpo uma opinião que, sob apparencia infinitamente monarchica (extremos tocam-se; todos os meios são bons; e tem-se visto realistas, que o sejam mais do que o rei), proclamou como o melhor e unico remedio para a situação uma acclamação de maioridade, immensamente precoce, do Imperante *(Timeo Danaos!)*. Não perscrutemos intenções: admittamos que em torno á idéa se arregimentassem bons e maus impulsos: — os que lealmente esperassem do grão successo melhoramento para as cousas publicas—os opposicionistas que n'elle encarassem triumphos sobre Regencias e Regentes? — os que nutrissem o pensamento satanico de fazer sossobrar a monarchia, confiada a mãos inexpertas de piloto infantil?

E então se proclamava haver uma classe de idéas, das quaes se póde dizer que nascem armadas como Minerva; que uma vez postas em actividade, não voltam mais em sua marcha, e que da resistencia tiram novo alimento, novas forças. Que n'esta classe tinha uma ordem distincta a idéa da necessidade do immediato e permanente governo do monarcha; depois das commoções intestinas, da fraqueza e inconstancia do poder, e do provisorio d'uma longa minoridade. Que cançados os animos d'este estado anormal, d'estas miserias, olhavam com impaciencia para a entrega do poder ao seu agen-

*

te legitimo; e que, se o praso legal d'esse termo era muito remoto, se o vaso da paciencia publica se esgotava, a anciedade insoffrida antecipava á marcha lenta da natureza e á providencia do legislador, que deviam ceder ao imperio indeclinavel d'uma indispensavel necessidade.

Estas idéas, que talvez dos clubs sahissem para as praças da côrte do Rio de Janeiro (que ainda então, como em 7 de Abril, dictou lei ao Imperio) subiram das praças ao recinto de ambas as camaras do poder legislativo. Borrascosas, mórmente na camara dos deputados, foram as sessões do mez de Julho de 1840, pois que a tudo se pretendeu imprimir a fórma, não de uma placida discussão de principios e conveniencias, mas d'uma agitação tumultuaria, e antes propria de revoluções.

Deu-se n'um d'esses dias, um successo que não devemos roubar á historia. Um dos oradores mais importantes da situação, e que na camara dos deputados assumira papel conspicuo, dirigiu-se ao Paço, e depois de ter exposto ao Principe o estado das cousas e dos animos, disse-lhe estas palavras, insuspeitas na bocca d'um cidadão, propugnador strenuo das idéas mais liberaes:

«Senhor! Acha-se, pois, em tanto risco a paz do Imperio como a causa da monarchia. Só um braço ha, que a ambas possa salvar: — é o de Vossa Magestade. Antevêmos desde já um porvir de venturas, confiados a tão alta sabedoria.»

N'isto o prudente mancebo atalhou, perguntando:

«Pois será certo que, em pouco mais de quatorze annos de idade, possa haver sabedoria?»

Tambem por esses dias, outro antigo e leal servidor, e desvelado amigo, varão a quem é devido em parte o amor do Principe ás letras, e no qual a circumspecção pede meças ao saber, ousou exprimir-se, pouco mais ou menos, d'esta fórma:

—«Acreditae, Imperial Senhor, nas palavras d'um subdito, a quem não move outro sentimento, que não seja o de amor ao seu paiz, e ao seu soberano. Esta voz não illudirá a V. M., seduzindo-o com um prospecto de venturas, no exercicio do poder. Governar homens é tarefa ardua em todos os tempos; perigosa nos que atravessamos. Ninguem melhor do que eu conhece a pureza de vossas intenções, a superioridade de vossa aptidão, a excellencia de vossa indole. A natureza deu muito a V. M.; mas ella não contraría suas leis, não lhe deu ainda tudo. A idade é immatura; tendes lido já muito, e muito aprendido, mas falta-vos folhear o mysterioso livro dos corações humanos. Esse conhecimento dos homens, essa experiencia, não são dotes innatos, infusos. V. M. observa o vigor insensato com que os governos são facilmente atacados; até hoje era impossivel traspassar o escudo para ferir a monarchia; mas qual será ámanhã o alvo? Se o Governo de V. M. encalhar nos mesmos escolhos, as circumstancias mudarão. O homem, sempre longe da infallibilidade, está d'ella longissimo aos quatorze annos, por mais que uma intelligencia privilegiada madrugue. V. M. tem forçosamente de servir-

se dos nossos homens publicos, e poderá ser victima, como hão sido os successivos governos, de actos em que seja innocente, de indisposições a que devera ser estranho. E estará o paiz sufficientemente organisado, moralisado, e tranquillo, para que o tomar as redeas do Estado em taes circumstancias, seja cousa facil? Ha seis annos, como hoje, se dizia que uma só providencia satisfaria completamente a nação; o *acto addicional* foi promulgado, e as circumstancias peioraram. Medite V. M. no passo que lhe aconselham; é de indefinido alcance para V. M., para sua dynastia, para a sorte do imperio. Curvar-me-hei aos acontecimentos, mas tenho cumprido um dever de subdito fiel!»

Assim era, em sentidos oppostos, tracteada a mente do joven Imperador; e no entanto ia a crise tomando maiores proporções. As discussões de ambas as camaras tornavam-se fogosas; as turbas precipitavam-se nas galerias, nos corredores, nas proximidades da casa dos deputados; uma certa coacção imperava nos animos. Os discursos mais violentos eram proferidos, e enthusiasticamente applaudidos, sobretudo quando stygmatisavam o ministro, o regente, uma denominada camarilha. Debalde Bernardo Pereira de Vasconcellos pedia addiamento da materia; era desattendido; e na segunda camara já até se propunha a declaração da maioridade por acclamação.

Foi finalmente o dia 22 de julho que poz termo ás hesitações. E' summamente duvidoso que a maioria do parlamento, e muito mais a da nação, estivesse con-

vencida da urgencia ou conveniencia da resolução; mas nos momentos criticos são muitas vezes omnipotentes as minorias resolutas.

Muitos deputados decidiram que se proclamasse a maioridade. Ficou essa camara em sessão permanente; foi enviada d'ella uma numerosa deputação ao Senado, que se partiu a pé, pelas ruas da cidade, engrossando-se enormemente com ondas de povo, em vozerias, ao qual se veio depois juntar alguma força armada. Fundindo-se no Senado membros de ambas as camaras, isto é, fracções d'uma, e d'outra, resolveram mandar uma deputação de cinco senadores e tres deputados á presença de S. M., com uma representação, onde se lia que o addiamento das camaras, em taes circumstancias, era um insulto á Pessoa do Imperador, e uma traição ao paiz; e que para salvar a nação e o throno supplicavam a S. M. I. que tomasse desde logo o exercicio de suas altas attribuições.

Apresentando-se no Paço, leu o relator a representação, retirando-se depois, emquanto S. M. deliberava; e chegando no entretanto o regente, e um dos ministros, o regente, em presença da deputação, perguntou a S. M., se, em vista das circumstancias, queria tomar conta do governo. O Imperador, mui commovido, limitou-se ao monosyllabo:—SIM!

Como o regente respondesse que ia immediatamente dar ordens para que a solemnidade se verificasse logo no seguinte domingo (era uma quarta-feira), e alguem da deputação ponderasse a conveniencia de ser

logo effectuada, perguntou de novo o regente ao Imperador, se queria já; em igual estado de commoção, foi lançado outro monosyllabo:—JÁ! (1)

Desde esse momento ficou o acto consummado. Os decretos de então, os vivas, as luminarias, as felicitações, os juramentos, tudo isso é subentendido.

Acabava incontestavelmente de se dar um profundo golpe na constituição do Estado! O seu artigo 121 (não derogado pela lei das reformas) diz: «*O Imperador é menor até a edade de 18 annos completos.*» O art. 174 marca os tramites de qualquer reforma de artigo constitucional, só possivel por subsequente legislatura. O art. 178 diz que estes artigos constitucionaes, em que as legislaturas ordinarias não podem tocar, são os que dizem respeito aos limites, e attribuições dos poderes politicos, e aos direitos politicos e individuaes dos cidadãos. Reinar, governar é um direito politico, e individual, é entrar em exercicio de attribuições de poder politico. Logo, era aos 18 annos, que o Imperador tinha de governar; logo, para regularmente governar antes, era mister que, por tramites constitucionaes, em legislatura subsequente, a assembléa geral assim o resolvesse.

Não ha sophysmas com que se offusque a evidencia.

O espirito, sempre, e instinctivamente recto do Imperador, assim lh'o persuadia. Nunca jámais até aquelles dias lhe tinha pela mente passado que houvesse de

(1) Esta é exacta verdade da scena, que por varios modos ha sido narrada.

tomar o timão do Estado antes do praso legal. Nunca, em seus mais intimos anhelos, desejou antecipar o dia de seu governo, porque a consciencia juvenil, mas profunda, lhe segredava a inconveniencia de tal acto, e por fórma tal. Porém ao joven monarcha desde logo coube a sorte de conhecer praticamente que o regimen representativo é o systema das transacções; julgou vêr nos successos uma opinião arraigada no espirito publico, e que não convinha contrarial-a; accedeu.

Se, collocando-nos acima de todas as considerações, emittimos francamente nossa opinião, diremos comtudo, que as momentosas apprehensões dos amigos da monarchia, tacitos deplorando o que haviam considerado audacioso erro politico, não foram pelos successos justificadas. A tenra idade do Cesar não prejudicou a prudencia de seu governo:

Cæsaribus virtus contigit ante diem.

Eis-ahi, pois, o Snr. D. Pedro II verdadeiramente sentado no seu throno, amado dos seus, respeitado dos estranhos, no pleno gozo de suas attribuições... e mui provavelmente do sceptro e estoque, poucos annos antes mandados entregar ao conselheiro thesoureiro-mór do thesouro nacional.

VI

Chegado é o dia em que verdadeiramente começa a reinar o Defensor Perpetuo e Imperador Constitucional do Brasil, Snr. D. Pedro II, que todavia só um anno depois (aos 18 de Julho de 1841) foi sagrado e corôado (1). Consagremos agora estas linhas, antes de especificar mais successos, a estudar n'este reinado os dotes do imperante, como soberano constitucional.

(1) E pois que aqui consideramos o grande da terra, o Imperador, é logar de indicarmos as ordens honorificas que adornam o peito de S. M. o Snr. D. Pedro II de Alcantara João Carlos Leopoldo Salvador Bibiano Xavier de Paula Leocadio Miguel Gabriel Raphael Gonzaga:

Do Brazil:	—Grão-mestre	de todas as ordens (Cruzeiro, Pedro I, Rosa, Christo, Aviz e Santiago).
Da Austria:	—Grão-Cruz	da Ord. de S. Estevão da Hungria.
Da Belgica:	— »	» Leopoldo.
Da Dinamarca:	— »	» Elephante.
Das Duas Sicilias:	— »	» S. Fernando, e S. Januario.
Da França:	— »	» Legião de Honra.
Da Grecia:	— »	» Salvador.
Da Hespanha:	—Cavalleiro	do Tosão de Ouro.

A monarchia, instituição amada de nossos avós, coeva da nossa soberania, e symbolo da nossa existencia politica, foi todavia, pelos tempos que se seguiram á independencia, subjeita a dolorosas provações, como o significou o dia 7 de Abril (se alguma cousa significou); mas qual tambem fosse o seu prestigio e poder, por consenso commum dos animos o dia 22 de Julho o patenteou.

Não ha duvida; o throno se achava, desde 1840, profundamente radicado.

A missão primitiva fôra bem e nobremente desempenhada pelo primeiro Imperador, a da fundação do Estado, a da promulgação de suas instituições. Ao segundo Imperador cabia missão diversa, a da ordem, a do leal funccionar da complicada machina do systema representativo.

Que chefe de Estado houve jámais que em similhante grau tomasse a sério os deveres de seu cargo? Que assim embebido nas theorias do systema da cons-

Da Hollanda: —Grão-Cruz da Ordem do Leão Neerlandez.
De Parma: — » » Imperial Angelica Constantiniana de S. Jorge de Parma.
De Portugal: — » das Ordens da Conceição e Torre Espada.
Da Prussia: — » » Aguia Negra.
Da Russia: — » de todas as ordens.
Da Sardenha: —Cavalleiro da Ordem da Annunciada.
Da Suecia: —Grão-Cruz das Ordens da Estrella do Norte, e dos Seraphins.
Da Turquia: — » da Ordem de Medjidié.

E' igualmante membro, ou Presidente Honorario, de muitas sociedades sabias estrangeiras.

tituição, tão exemplarmente praticasse todos os seus preceitos, e seguisse todas as suas indicações? Não ha um subdito no Imperio mais amante das liberdades publicas que o seu Imperador. E' d'elle esta honrosa phrase: «*Procuro comprehender e realisar a verdade do systema constitucional, a mais feliz concepção da razão moderna.*»

Se no seculo actual é a opinião rainha do mundo; se no regimen representativo é nas maiorias que a razão se deve presuppor; o Imperador tem tomado por pharóes a opinião, e as maiorias *bem definidas, e legitimas*. Como homem illustrado, deverá sem duvida ter idéas suas nos assumptos, que dividem os cidadãos em campos politicos vigorosos, militantes; mas ninguem lh'as pôde nunca arrancar do intimo da mente; fiel é esse, sempre a prumo, que não pende jámais para uma ou outra das conchas da balança. Honra-se com o seu titulo de primeiro representante da nação; e não entenderia represental-a se jámais procedesse em opposição com o seu modo de vêr as cousas publicas, expresso pela voz das verdadeiras maiorias. Não quer isto dizer que elle não tenha um partido; deve ter! tem! o partido da constituição, que jurou, e que ama; e quem diz *partido da constituição* exclue a possibilidade de idéas politicas monstruosas.

Quem desconhece que, n'estes governos, são frequentes as mudanças de opinião popular? E nem sempre denotam estas evoluções versatilidade nos povos, quando até mesmo nos individuos essas mudanças, no

parecer de Salomão, não raro significam sabedoria. Francklin, não considerando bastante democratica a constituição federal de 1788, disse, no momento de a jurar: «Se a não approvo inteiramente, quem sabe se ainda um dia a approvarei? Na longa carreira que hei percorrido, tenho sido mais d'uma vez obrigado, por força de convicção, a abjurar opiniões bem pronunciadas, bem reflectidas, e que eu suppunha bem fundadas. A' proporção que vou envelhecendo, mais disposto me acho a desconfiar de meu proprio juizo, e a respeitar cada vez mais a opinião dos outros.»

Quando, pois, se dão estas transformações na opinião, ou sinceras como as de Francklin, ou predispostas como tantas vezes, o rei que, como o Snr. D. Pedro, quer, póde, e sabe ser constitucional, segue suavissimamente essas evoluções do paiz. Por isso que gira em esphera superior á das facções, por isso que é estranho aos combates e aos combatentes, nunca em taes lutas é elle vencedor, ou vencido, nem podem ser seus actos eivados de parcialidade. O sol é commum a todos, nem tem particularidade com este ou com aquelle.

E todavia, apressamo-nos aqui a declaral-o, esta fluctuação, que seus altos deveres aconselham, não está de fórma alguma nas condições naturaes de seu caracter. As *mudanças reflectidas* de Francklin approva-as; mas está longe de desconhecer que a firmeza nos principios, e a coherencia na sua practica e applicação fazem parte dos grandes predicados do homem politico. Considera a volubilidade permanente um *verdadeiro suicidio* da ra-

zão. Já se vê que não póde agradar-lhe aquelle que por conveniencias de sua ambição *se muda em mais figuras que Proteio.* Como rei constitucional, porém, amolda-se a toda a transacção com as circumstancias, que a prudencia esclarecida lhe indica. Ninguem melhor conhece o mecanismo do systema representativo; o emprego, e natural contraposição das forças, as leis da dynamica constitucional.

Quando tem de proceder, em casos não ordinarios, medita e resolve, e acerta. Uma grande qualidade do seu animo lhe facilita este trabalho de intelligencia; é a que se revéla n'esta digna phrase, sahida de seus labios: « Quando tenho de resolver-me, consulto só a minha razão; e não me abala nem a lisonja, por mais insinuante, nem o vituperio, por mais ferino.»

E quereis saber quaes as columnas de Hercules, que o sabio monarcha tem cravado na sua intervenção na gerencia dos publicos negocios? Interrogando sobre este momentoso assumpto mais de um illustre cidadão, que tem tido parte nos conselhos da corôa, parece que um pensamento, e sentimento unanime foi gerado no espirito de todos. Um d'esses respondia assim:

«Os que teem servido nos conselhos do Imperador sabem até que ponto é elle soberano constitucional. Deixa-lhes com a maior lealdade o que a constituição lhes dá, nada practica senão, pelos seus ministros, nem ainda houve ministerio que lhe não merecesse inteira confiança; usa apenas da prerogativa pessoal que lhe confere a constituição; é sobrerolda dos ministros; e, co-

mo não é um automato, e tem superior intelligencia, faz as observações que julga convenientes ao bem do Estado, sem coagir a vontade alheia (que é a responsavel), contra a qual tem o recurso constitucional, em caso extremo.»

Outro ex-ministro, e como o anterior, fulgurante estrella do nosso firmamento politico, usava estas expressões:

«Não ha no Brasil quem mais acceite, e deseje ver realisado, em toda a sua verdade, e plenitude, o systema representativo, do que o Imperador. Soberano constitucional, elle se persuade que não é licito ao monarcha o que aliás se permitte ao subdito; que as suas affeições não podem ser exclusivas; as suas vontades não podem ser impostas aos ministros responsaveis. Entende elle que o seu mais importante papel é o de protector geral, e juiz supremo nas grandes complicações politicas. Tem para si que a prudente reserva, a imparcialidade, a abstenção são condições essenciaes do sceptro que empunha.

Por não alongar, supprimimos analogos juizos dos cidadãos mais competentes por sua illustração, e situações que hão occupado. Fundem-se todos nos que acabam de ser lidos.

E todavia cumpre ter a coragem de exprobrar um procedimento pouco digno, por alguns praticado, e que tende a crear uma opinião injusta, que importa contrastar. Como foi possivel ter-se espalhado a crença do que os illudidos denominam *governo pessoal?* Provém,

unica, e exclusivamente d'um facto, cuja qualificação deixamos ao senso publico. Tem-se tambem sentado nos conselhos do Imperador, raros sim, mas alguns homens, que não teem hesitado em inverter os preceitos constitucionaes; pois em vez de se interporem como escudo ante a corôa, são elles que com a corôa se escudam! Seria isto uma vilania, ainda que fallassem verdade; mas que nome merece em lingua humana, sendo falso?! Esses taes, não querendo comprometter-se com as partes, invocavam o nome do Imperador em vão, insinuando intervenções do soberano nos mais insignificantes negocios! E no entanto esfregavam as mãos jubilosos de haverem poupado a si mesmos um inimigo, endossando-o ao Imperador, que n'elles depositára confiança. Quasi algum d'esses mereceria que seu nome se estampasse em pelourinho; não o faremos... incumba-se d essa tarefa a consciencia publica.

Aqui mais que em outro algum logar, porque este assumpto prende intimamente com a causa publica, cumpre repetir que, collocado como estamos, em immensa distancia dos paços imperiaes, não tendo por obrigação do nosso officio de tractar habitualmente de perto com o Snr. D. Pedro II, era nosso direito louvarmo-nos na opinião de cavalheiros fidedignos e respeitaveis, e em posições mais avantajadas para bem deverem julgar. Tem *até hoje* sido possivel explicar os successos do Brasil, na parte em que nasceram de impulso do Poder moderador, por considerações de alta sabedoria; mas não occultamos que essa posição é ouriçada de difficuldades.

Excessos de virtudes ha, que podem vir a converter-se em defeitos. Occorrerão ás vezes situações, em que a assignatura imperial possa servir de escudo a quem pretenda convertel-a em seu proveito proprio, ou de seus corrilhos. Grassa a opinião de que a melhor estrada para a direcção dos negocios é d'uma certa hostilidade, antes que da leal dedicação aos principios da ordem, pela antecipada certeza de que nada ha que receiar dos homens de idéas conservadoras. Não estamos habilitados para apreciar quanto haja de inexacto em similhante insinuação; mas cordialmente desejamos crer, para honra do grande cidadão que rege os nossos destinos, que elle, segurando com mão cada vez mais firme o timão do Estado, não consentirá que em seu nome, e de sob o seu manto, se falseiem as condições de todo o governo, que aspira a estavel, sincero, e glorioso.

Eis-ahi deixamos traçadas nossas idéas sobre o que seja o Snr. D. Pedro II, e sobre o que d'elle se espere como homem politico, e Imperador constitucional.

VII

É qual o resultudo geral d'este reinado? Terá o paiz peiorado ou progredido? Estudo é este que se nos afigura proprio para esclarecer, se o espirito do imperante terá contribuido para o adiantamento da nação. Longe de nós pretender que n'um regimen constitucional, onde não ha tribunaes de consulta, e para o qual contribuem, como legisladores, tantos cidadãos, se attribua a iniciativa, e o merito ou demerito dos actos ao soberano particularmente. Mas, por outro lado, importa reflectir, que em governos taes, é elle o unico motor sempre invariavel, o unico piloto constantemente ao leme. Os senadores cedo se revezam pelo natural tributo á humanidade. Os deputados funccionam, quando muito, quatro annos. Os ministros infelizmente, n'estas agitadas instituições, duram muito menos ainda. Só uma entidade se perpetua, atravez de todas as mutações: é o chefe do poder executivo, é o depositario do poder

moderador, é a intelligencia que conserva todas as tradições, que nunca deixa de intervir competentemente em todos os assumptos, que imprime a possivel unidade, e coherencia aos negocios publicos. Quando em sólo fecundo a raiz é viçosa e san, sóbe por ella seiva vivificadora, e a arvore se desata em fructos de precioso sabor. Reflectem, pois, sobre o rei os successos do reinado; e é n'este sentido que não cremos descabido lançar um olhar retrospectivo sobre os acontecimentos occorridos, desde que o Snr. D. Pedro começou a governar.

Entre os legados tristes da minoridade se distinguia ainda a perturbação dos animos em varias provincias. A guerra civil, que dez annos desolou as formosas campanhas da provincia de S. Pedro do Rio Grande do Sul, extinguiu-se depois da maioridade; e no anno de 1845 a pacificação era completa, sendo o Snr. Marquez de Caxias o brioso general a quem coube a honra de servir de valente e leal instrumento d'essa tão almejada pacificação, que desanuviou do nosso brilhante pavilhão uma das mais fulgurantes estrellas.

Em todo o imperio se consolidou a paz, sendo suffocadas promptamente as revoltas, que ainda em 1842 appareceram nas provincias de Minas e S. Paulo, e a de 1848 em Pernambuco. N'estas melancolicas questões internas, sabem quantos se approximam do Imperador, que o seu coração sangrava dolorosamente, e que o manto da clemencia foi sempre lançado sobre os illudidos, apenas findava a luta. E nem a parte activa (por mais conspicua) por esses cidadãos tomada nas perturbações ge-

raes, e nem mesmo as proprias hostilidades eram, ou são nunca, lembradas por aquelle magnanimo coração. Regem para isso o animo do Imperador considerações diversas das que, no commum dos homens, gerariam sympathia ou antipathia pessoal.

Foi d'este reinado, especialmente com a cooperação activa e dedicada de dous dos nossos mais respeitaveis estadistas, os snrs. Eusebio de Queiroz e visconde de Uruguay, a cessação completa do trafico de africanos. As providencias, successivamente adoptadas, foram corôadas pelo anno de 1850. Desde então acabou totalmente a introducção de braços escravos, a despeito dos habitos arraigados desde a nossa infancia, dos interesses que esse commercio excitava, e dos preconceitos que, por força d'aquelles habitos, eram compartidos pelo geral da população brasileira, quanto á necessidade indeclinavel da escravaria da Costa d'Africa.

Pagina não menos gloriosa para este reinado é a guerra contra o sanguinario dictador da Confederação Argentina, D. João Manoel Rosas, e o seu logar-tenente no Estado Oriental do Uruguay, o general D. Manoel Oribe; ambos inimigos jurados do Brasil, açoites de seus compatriotas, flagellos das povoações visinhas, e de todos os estrangeiros residentes n'aquelles paizes, escandalos da moral e da religião.

Realisaram-se no presente reinado os primeiros ensaios de caminhos de ferro, que já começam a produzir bons resultados praticos, e promettem maiores e melhores para quando fôr possivel ligar e ramificar as di-

versas linhas, organisando um systema de viação entre a côrte e as provincias, entre os centros de producção e os mercados da costa.

A primeira tentativa que surtiu bom exito foi a da estrada de Mauá, com duas leguas, que facilita as communicações entre a capital do Imperio e a cidade de Petropolis, e dá sahida aos productos por ali exportados. Tambem da capital ao pittoresco arrabalde de Andarahy estão já os trilhos esperando pelo poderoso motor.

A estrada de ferro do Recife a Agua Preta, com cerca de 19 leguas, já em estado adiantado de construcção, augura a Pernambuco um feliz porvir, e aspira a um prolongamento até o Rio de S. Francisco, por cuja navegação poderá ligar-se ás provincias de Minas e Bahia.

A da Bahia ao Joazeiro, com 20 leguas, tem as mesmas aspirações, e a sua execução tambem progride.

A de Santos a Jundiahy, com 20 leguas, na qual se trabalha activamente, alimenta na Provincia de S. Paulo as mais lisongeiras esperanças.

A estrada de ferro de D. Pedro II tem um caracter semelhante ás precedentes, ás quaes porém se avantaja em importancia commercial, porque alimenta o mercado do Rio de Janeiro, o maior da America do Sul, e é por elle alimentada; e em alcance politico, por ter de communicar a séde do Governo central com diversas provincias.

A linha decretada é de 64 leguas, sendo 17 des-

de a Capital até a margem do Rio Parahyba, cujo valle com os de seus confluentes constitue a região mais eminentemente productora de caffe, em todo o Brasil; 23 rio abaixo, a terminar em um ponto da Provincia de Minas, e 24 Parahyba acima, partindo, como as 23, do termo das 17, onde a linha se deve bifurcar e terminando na Provincia de S. Paulo.

Assim esta primeira decretação constitue já um bellissimo amplexo entre as tres Provincias mais ricas e mais populosas do Sul do Imperio. Mas obtido este resultado, suas vantagens praticas terão de animar o desenvolvimento do beneficio, e a geração nascente verá provavelmente a estrada de ferro de D. Pedro II ligada pelos Rios Grande e Sapucahy ás aguas do Sul, e pela navegação do S. Francisco aos trilhos do Joazeiro, e da Agua Preta e ás Provincias do Norte.

Horisonte de prosperidade que abrem ao futuro da Patria as obras emprehendidas n'este reinado! E' sabido e notorio que o Sr. D. Pedro II tem outorgado constante protecção a todos os impulsos dados á construcção d'esta magnifica via ferrea.

—A todas as bandeiras foram abertos os rios Uruguay, Paraná, e Paraguay, por concessão do Brasil, e dos outros ribeirinhos, seus alliados na guerra de 1851 contra o ferrenho dictador, que hoje vive isolado sobre as margens de Southampton.

—A provincia de Matto-Grosso, até 1852 sequestrada do mundo, e que só através dos desertos se communicava com o centro do Imperio, deu largo passo pa-

ra a prosperidade, com a linha de navegação estabelecida desde o Rio de Janeiro até Cuyabá.

Tambem não tem merecido menor cuidado os meios de communicação, de todas as especies: o vapor sulca nossos mares, nossos rios, e até nossos campos. Companhias de navegação, por aquelle motor, tem sido estabelecidas entre Cuyabá e Montevidéo, entre Montevidéo e o Rio de Janeiro, entre o Rio de Janeiro e o Pará, e entre o Pará e Tabatinga nos confins do Amazonas, achando-se assim ligados os dous extremos do Imperio. Mas nem só essas do Rio de Janeiro a Santa Catharina, tocando nos principaes portos do Paraná e de S. Paulo; do Rio de Janeiro a S. Matheus no Espirito Santo, tocando nos portos d'esta; do Rio de Janeiro a Caravellas, na Provincia da Bahia, com escala por alguns portos d'esta Provincia e do Espirito Santo: ha serviço igual feito por empresas cujo assento é na capital do Imperio. De Caravellas ás Alagoas navegam os vapores da Companhia Bahiana, e das Alagoas ao Ceará vão os da Companhia Pernambucana, já hoje authorisados para chegarem a Aracajú em Sergipe, e até á ilha de Fernando; do Ceará a Belem seguem os vapores da Companhia do Maranhão. E' navegado por vapor o rio Paraná na parte que pertence ao Brasil; são navegados as lagoas e os rios da Provincia de S. Pedro; a ribeira de Iguape no de S. Paulo; a bahia da capital, e os seus affluentes Macacú, Magé, e Inhomerim; o Parahyba desde a sua embocadura até S. Fidelis; o rio Muriahé; o Mucury; a Bahia, na Provincia de Todos os

Santos; o Aracajú, em Sergipe; o Parnahyba; o Itapicurú e outros do Maranhão; e parte muito importante do Amazonas, além da citada linha de Belem a Tabatinga. E' feito por navegação a vapor o activissimo commercio entre o porto da capital d'um lado e o de Santos d'outro e todos os intermedios; e o mesmo da capital e o de Campos do outro.

Vastissimo se tornou pois o desenvolvimento da navegação por vapor em todo o littoral do Imperio, que abraça 1:066 leguas, de 20 ao grau.

Numerosas estradas communs rasgam quasi todas as provincias, e seriam em toda a parte admiradas as da Serra de Petropolis, Presidente Pedreira, Companhia União e Industria, etc.

Navegação e estradas prestariam menor utilidade, se o correio não acompanhasse o seu movimento. Tambem n'essa Repartição os melhoramentos se não tem feito esperar, de modo que elogios tem merecido de pessoas insuspeitas.

O telegrapho eletrico funcciona em varias direcções.

A Côrte, e varias cidades do Imperio são elegantemente illuminadas a gaz.

Funccionam na Côrte um Instituto Commercial, uma Academia de Bellas Artes (na qual se levantou a Pinacothéca), um Conservatorio de musica. No Theatro Lyrico Italiano tem sido ouvidos os primeiros cantores do mundo. Para abrir nova carreira a talentos nossos, creou-se a Opera Nacional.

Entre o vasto corpo de legislação, distingue-se a completa reforma da instituição mercantil, com a publicação do codigo do Commercio.

A instrucção primaria, e secundaria foi amplamente estendida; e meditadas reformas melhoraram todas as condições de ensino, e educação.

Crearam-se, e reformaram-se as Faculdades de Medicina, e Direito, collocando-as a par dos bons estabelecimentos europeus d'essas cathegorias.

As disciplinas militares tomaram consideravel incremento, facilitando-se ao official brasileiro o conhecimento das mathematicas e das sciencias de applicação. Creou-se egualmente um observatorio astronomico.

Elevou-se, para amparo e tratamento dos alienados, uma obra monumental, denominada—Hospicio de Pedro II—que na Europa terá poucas que a egualem, rarissimas que a excedam.

Creou-se o Instituto dos meninos cegos, o dos surdos mudos, e assim outros estabelecimentos se levantaram, de bem entendida caridade publica.

Construiu-se o magnifico Hospital da Misericordia, edificio grandioso, que honra esta capital.

Organisou-se o Collegio de Pedro II.

Erigiram-se Institutos Agricolas, sendo o Imperador quem, não só na côrte, mas nas provincias, iniciou esse patriotico pensamento, e dotou as respectivas sociedades, com as mais generosas dadivas do seu bolsinho; instituição que muito promette á lavoura, e que

attesta a alta intelligencia e ardente patriotismo, que aos nossos destinos presidem.

Tomou o espirito de associação uma expansão consideravel, e entre os desenvolvimentos naturaes do commercio, figura verdadeiramente a creação do denominado commercio bancario, que ainda hoje está longo de poder equiparar-se, no systema, ao das grandes praças europeas, mas que já basta á natureza peculiar das necessidades d'esta.

Estabeleceu-se o Instituto Historico e Geographico Brasileiro ao qual o Imperador acolheu no seu Paço, e tem desde a origem animado, presidindo effectivamente ás suas frequentes sessões, e concedendo larga protecção a quantos ahi se distinguem por seus trabalhos litterarios.

Organisou-se o Archivo Publico para guarda dos documentos.

S. M. prestou o mais poderoso auxilio á idéa da nomeação d'uma commissão, composta de sabios nacionaes, incumbida de explorar algumas Provincias do norte, para relatar suas riquezas, e necessidades.

Animou a creação da sociedade Auxiliadora da industria nacional, e de outras corporações, a que o paiz deve importantes serviços.

Augmentou-se consideravelmente a marinha de guerra e a bandeira armilar tem com honra fluctuado em muitos mares, onde era antes desconhecida. E nem só se olhou por este importante ramo, fazendo crescer o material fluctuante, e o pessoal da Armada e reali-

sando viagens de exploração e instrucção (que assás caro nos hão custado) mas tambem creando o conselho Naval.

Abriu-se o *dique* do Rio de Janeiro em rocha viva, obra admiravel por sua perfeição, e singularidade de sua construcção; obra finalmente que n'este genero não tem segunda nas Americas.

Entre os importantes estabelecimentos navaes, figura o da Ponta da Arêa, onde se effectuam reparos e construcções, que muito honram o paiz.

O systema penitenciario foi alterado com a organisação das Casas de Detenção, e Correcção, e com a promulgação do codigo penal.

Numerosos embellesamentos tem adornado as provincias, e a Côrte; n'esta se distinguem o Aqueducto de Maracaná, e a completa restauração do Passeio Publico.

Logo pela primeira vez que, n'um ensaio rapido (e que está longe de representar a nossa industria, e agricultura) nos incorporámos na Europa com as outras nações civilisadas, deu a Exposição de Londres a mais avantajada idéa d'este paiz, e deixámos atraz de nós, em diversos ramos, velhos e industriosos estados.

Passando a diversa ordem de factos, outros muitos denotam a crescente prosperidade do Imperio, durante o reinado do Snr. D. Pedro II.

A população tem mais que duplicado n'este seculo.

A importação tem mais que quintuplicado n'este reinado. A exportação sextuplicado.

Tem dobrado a producção do caffe.

Egual lei de progresso tem cabido ao assucar, fumo, algodão, e outros productos.

O orçamento do Imperio, tanto de receita como de despesa, tem quasi quadruplicado.

A divida externa fundada, desde a maioridade, não tem crescido consideravelmente, e foi toda applicada a solução de anteriores compromissos, ou obras de vasto interesse nacional.

Para fóra das considerações geraes, relativas ao Imperio, em seu complexo, tem as provincias obtido melhoramentos igualmente sensiveis em todos os seus ramos industriaes, e rendimentos.

E estes resultados, e o do quasi constante balancear dos orçamentos se tem obtido, sem haver, se quer, aggravamento de impostos.

Pedimos venia ao leitor da extensão d'estas considerações, apesar de não as havermos tocado se não *per summa capita.*

Concluiremos repetindo não serem isto, sem duvida, actos todos do rei, mas são-n'o todos do reinado. Mil necessidades urgentes nos apertam ainda; mas ao considerarmos o amplo estadio, honrosamente percorrido, renascem-nos brio e forças para, capitaneados por tal chefe, marcharmos sempre com firmesa igual na senda do progresso.

VII

Entremos agora no lar domestico do Senhor D. Pedro II. Ahi repousaremos, com satisfação, os olhos em nobres e graciosos vultos, todos dignos das maiores sympathias, e de cordiaes affectos.

Fallaremos de suas augustas Irmãs, as virtuosas filhas do heroe dos dous mundos, que tanto mereceram ventura, e que tão visitadas foram da desgraça. Todas nasceram em nossas plagas; todas foram dar lustre, e brilho ás mais egregias casas reaes da Europa; todas foram victimas innocentes das mais dolorosas provações.

A Senhora D. Maria II, nascida aos 4 de Abril de 1819, e, por seu nascimento, não menos que pela abdicação de seu pai, rainha de Portugal desde a mais tenra infancia, separou-se de nós para seguir seus altos destinos. Contam-se as dôres da virtuosa rainha pelos dias de seu reinado: ondas, guerras, perigos, exilio, revoluções, desgostos de toda a especie, só attenuados pela compensação que em seu marido e filhos lhe dera a

Providencia, toda essa incidentada vida findou prematuramente no dia 15 de Novembro de 1853, em que a alva pomba, que sobre seu feretro representava a candidez d'aquella alma, symbolisou a puresa da que cessára de pertencer ao numero dos viventes.

Aos 11 de Março de 1822 nascia a Senhora D. Januaria, amavel princesa, em quem se pregaram muitos olhos para lhe ser devolvida a Regencia, como successora natural do throno, em tempo em que se pensou conveniente pôr termo ao governo de simplices cidadãos. Aos 28 de Abril de 1844 unia a sua sorte á do Snr. Principe D. Luiz de Bourbon, Conde d'Aquila, irmão de S. M. a Imperatriz, e Principe das Duas Sicilias; e d'esse consorcio provieram esperançosos fructos, que a morte tem ido ceifando, deixando apenas dous principes. Era Napoles a habitual residencia d'esta respeitavel familia; é sobrinho da princesa brasileira El-rei Francisco II; tanto basta para se comprehender que andam expatriados, e a illustre Senhora affastada da patria de seu nascimento, e amor, da terra onde reinava... de que é rei um membro da familia de seu marido.

A Senhora D. Paula Marianna (1) nascida em 1823, morria mui nova, assim como o Principe real, Snr. D. João, fallecido em 1822, d'um anno de idade.

(1) Os nomes das duas princesas, nascidas logo depois da independencia foram ainda um acto de delicadesa do Snr. D. Pedro I para o novo Imperio—Januaria, em honra ao Rio de Janeiro —Paula Marianna, em honra ás provincias de S. Paulo, e Minas (d'onde Marianna era capital) que primeiras proclamaram a separação da metropole.

Finalmente em 2 de Agosto de 1824 nasceu S. A. a Senhora Princesa D. Francisca, a qual no 1.º de Maio de 1843 deu a mão ao Snr. D. Francisco de Orleans, Principe de Joinville, filho do ultimo rei dos Francezes, cavalheiro, em toda a extensão da palavra, valente e leal espada, intelligencia altissima, e educação... como a recebiam os filhos de Luiz Philippe. N'uma côrte, como a de Pariz, typo no explendor da civilisação, e do espirito, a nossa Princesa tomou com honra o seu logar, e quantos a rodeavam, começando pelo rei, e a rainha adoravam aquella melhor *Estrella do Sul;* por quanto estes seus novos pais não sabiam que mais admirar n'ella—se os encantos de sua formosura, e graça—se o fulgor de seu espirito — se a grandesa de suas virtudes. Tambem um principe, e uma princesa existem d'esse matrimonio (pois do consorcio de cada um dos tres irmãos, o Imperador e as duas Princesas, existem dous fructos). Esta senhora curte igualmente nos nevoeiros da Inglaterra as saudades de sua patria, e da de seu marido, cuja familia, a despeito tambem dos seus relevantissimos serviços, expia no exilio o *crime* da sua grandesa, e do seu patriotismo, em holocausto ás revoluções triumphantes!

Das tres augustas irmãs, por tanto, do Snr. D. Pedro II, morreu uma, bem joven, sentada n'um throno, mas tendo supportado exilio e corôa de espinhos; — outra vaga no exilio porque seus filhos são Bourbons; — outra vaga no exilio, porque seus filhos são Orleans!

Triste jogo da fortuna!..

Foram ellas as companheiras de sua primeira in-

fancia; e depois que a rainha partiu, ficaram as duas inseparaveis socias de brinquedos infantis, e de estudos; e o pobre orphão, condemnado á privação de mãe, e pai na extrema infancia, ia na adolescencia perdendo a companhia querida de todas suas irmãas; ao completar os seus 20 annos, o Imperador não viu ao seu lado, nem tornou mais a ver, uma unica de suas idolatradas irmãas. N'aquelles paços, cujos echos repercutiam as memorias de tanto amor, de tanto affecto de familia, se aprestava a vagar o desventurado mancebo, solitario, triste, acabrunhado pelo peso de uma corôa, sem que uma voz feminil lhe dourasse a existencia, sem que um sorriso amigo de mãe, irmã, filha, ou esposa lhe arraiasse de luz um viver monotono e pesado.

E pois que ia perder em breve ambas as irmãs que lhes restavam, resolveu S. M. ir buscar ao seio de nova familia os carinhos e affeições, que a antiga lhe não podia já liberalisar. (1)

Dirigidas as negociações pelo snr. Barão de Cayrú, ao throno do Brasil subiu uma das mais virtuosas, como das mais illustres Princesas da Europa (2). Quem

(1) Casaram todos tres pelo mesmo tempo. A Senhora D. Francisca no 1.º de Maio de 1843; o Sr. D. Pedro II a 30 do mesmo mez, recebendo as bençãos a 4 de Setembro do mesmo anno; a Snr.ª D. Januaria a 28 de Abril de 1844.

(2) S. M. a Snr.ª D. Thereza Christina Maria, nascida a 14 de Março de 1822, thia do actual rei *(de direito)* de Napoles, é filha do finado Snr. Rei das Duas Sicilias D. Francisco I, filho do Snr. rei D. Fernando I e IV, filho do Snr. rei D. Carlos, filho do Snr. rei D. Philippe V, Duque de Anjou, filho do Delfim Luiz de França, e neto de Luiz XIV, cujos ascendentes na casa de Bourbon, e outras, sobem á maior antiguidade das familias reinantes.

ha ahi que ignore os dotes da alma angelica da actual Imperatriz? quem deixa de conhecer, por si ou por proximos, algum acto de inexcedivel caridade, praticado modesta, suavemente, por aquelle typo de virtude? quem não sabe que a parca dotação de que a bondosa Princesa dispõe, toda se lhe esváe em dadivas, e esmolas? que afflicção, que dôr, que aspiração justa se lhe lançou jámais aos pés, que não se erguesse satisfeita, e radiante de gratidão? que instituição benefica se levantou, que a Imperatriz se não desvanecesse de collocar-se á sua frente? Os nossos modelos de chefes do Estado são egualmente modelos de chefes de familia. Se as virtudes domesticas são apreciaveis em todos os degraus da escala social, com que explendor não fulguram quando estrellejam no alto d'ella! Aquelle delicioso lar attrahiria, por sua singelesa, por sua harmonia, todas as sympathias, e bençãos, ainda em casa obscura e pobre: que impressões de ternura e respeito não deve gerar, sentando-se esses conjuges em throno?!

D'este consorcio tem provindo quatro fructos, dous principes, e duas princesas, mas não foi dado aos augustos consortes vêr a sua dynastia perpetuada em linha varonil.

O Serenissimo Principe Imperial, Snr. D. Affonso, fechou os olhos na Quinta da Boa-Vista, aos 11 de Junho de 1847, pelas 5 1/2 da tarde; e bem poude então S. M. dizer que na dôr, como no jubilo, fôra, como sempre, acompanhado por todos os brasileiros, que em tal occasião á porfia manifestaram as mais vivas demon-

strações de lealdade, e adhesão á sua augusta pessoa, e imperial familia. (Igualmente perderam outro esperançoso filho).

Pouco antes, como pouco depois de tão funebre successo, a Providencia se approuve em derramar balsamo sobre a ferida que ia rasgar, ou que havia rasgado o coração de tão bons pais.

A 29 de Julho de 1846, e a 13 do mesmo mez, em 1847 (1), nasciam SS. AA. as Snr.as Princesas D. Izabel, e D. Leopoldina; (2) mimosas cabeças de anjos sobre quem pousam tantas bençãos; sympathias, e esperanças d'este Imperio, não obstantes os votos unanimes e ferventes, dirigidos aos céos afim de que para bem longe removam o dia em que o sceptro haja de ser transferido a mão diversa da que hoje tão honrosamente o empunha.

S. M. o Imperador, em tudo escropuloso na observancia da Constituição, ordenou que apenas a Snr.ª Princesa Imperial completasse os seus 14 annos, de conformidade com o art. 106, prestasse o solemne juramento, que lhe abrisse as portas do magestoso porvir que a aguarda.

E' este o lugar de ponderar que S. M. o Impera-

(1) O mez de Julho costuma ser auspicioso para esta nobre familia. N'elle nasceram a Snr.ª Princesa Imperial, sua augusta irmã, seu tio, Snr. Duque d'Aquila, o filho d'este, Snr. D. Luiz, seus primos, filhos da Rainha de Portugal, Snr.ª D. Marianna, e finado Snr. D. Fernando; sua avó, a augusta Imperatriz Snr.ª D. Amelia; sua tia, a Snr.ª Infanta D. Isabel Maria, etc.; assim como foi n'este mez que seu augusto pai tomou as redeas do governo, e ainda n'este mez do anno posterior foi sagrado, e corôado!

(2) Fallecida em 1871.

rador por tal arte distribue as suas horas do dia, e da noite, que a um tempo satisfaz aos seus deveres de monarcha, e de pai de familia, e sobretudo familia destinada a tão alta missão.

Os negocios publicos não padecem, e o Imperador véla immediatamente sobre a educação das Princesas. Elle mesmo lhes dá zelosa instrucção em certos objectos, e sobre todos os mais vigia diligente. E dando a SS. AA. a educação propria de Principes, que hão de reinar, leva sua attenção a todas as disciplinas, que são do dominio dos homens, além da religião, e das prendas proprias do sexo feminino. Um soberano, que assim se applica a cultivar a mente de quem tem de succeder-lhe, torna-se a um tempo exemplo para monarchas, e para pais.

Não nos deixemos por mais tempo enlevar em quadro domestico, aliás tão feito para arrebatar attenções, e affectos. Arranquemo-nos á descripção da familia; é da pessoa, como imperante, e como homem, que n'estas paginas nos occupamos.

*

VIII

Não ha sorte menos digna de inveja que a de um rei; os próes do cargo são phantasmagorias; os contras são deveres arduos. De seculo em seculo, quasi de anno em anno, vão os povos augmentando suas exigencias; hoje pedem-se aos reis mil dotes, que não foram outr'ora communs no throno: — apurada mente — sua cultura vasta — exemplar moralidade — brandura — magnanimidade — cordeal affecto aos subditos.

E aqui nos cáe a pello um trecho da antiguidade: «A amizade (esse dos bens mortaes o mais antigo) fôra trocada, nos regios paços, pela lisonja, pela simulação de amor, peior que o odio. Se ahi se repetia ainda esse nome sagrado, era como objecto de mofa; e sem sentido. E que amisade era possivel entre os que se criam senhores, e os que se reconheciam servos? Pois essa, expulsa, e desterrada, é tempo de a revocar. Bem póde ter amigos quem sabe ser amigo. A subditos não se

decreta amor, adquire-se; nem ha outro sentimento tão independente, tão livre, tão impaciente de dominio, nem mais ambicioso de paga em moeda egual. Póde o principe ser odiado por aquelles a quem não deteste, porém deve lembrar-se de que só será amado por aquelles a quem amar. *Immo tunc maxime imperator, quum amicum ex imperatore agis; etnim quum plurimis amicitiis fortuna principum indigeat, præcipuum est principis opus, amicos parare!*

Nunca o Imperador é maior do que quando desce de Imperador a amigo; a fortuna dos principes precisa da amisade de muitos, e deve ser sua principal tarefa adquirir amigos. Assim o aconselha um livro de ouro.

Não falta egualmente quem brade aos reis, mormente nos governos constitucionaes, que a sua amisade deve estender-se collectivamente por todo o seu povo, e não manifestar-se excessiva para o circulo que os rodeia. Dizem que frequentemente em taes regiões a palavra *amigo* é pelas turbas trocada na de *valido,* e esta soube inspirar odios ou ciumes; que por tanto, o rei deve amar todos seus subditos, e a nenhum d'um modo excepcional, e conspicuo.

Não sabemos qual dos dous alvitres é mais sabio; mas sim que a alta prudencia do Imperador, parece tel-o levado a adoptar o *inter utrumque,* grande regra da vida, em quasi todas as situações.

Nem sempre o exercicio das virtudes do particular é exactamente compativel com as do Soberano; e todavia, o Snr. D. Pedro II, em seu proceder meditado

e circumspecto, as procura conciliar quanto cabe em forças humanas.

Ama a justiça como um dogma de consciencia, e não cessa de gravar no animo estas maximas do grande jurisconsulto Morlon: *La justice est l'áme du mónde, l'appui des thrones, et la reine de toutes les vertus. La faire régner dans un Etat, c'est y fixer le bon ordre, la discipline, l'union, la paix, et la tranquillité.*

Immenso auxilio o fortifica na pratica das virtudes. Ha n'aquelle illustrado animo crenças fundas. Não é a religião para o Snr. D. Pedro II um instrumento, um meio, uma convenção humana. Em materia de fé, a sua razão submissa, e sem velleidades de revolta, acceita as verdades todas ensinadas pela igreja Catholica (1).

Outro lado bello do seu caracter é ser cordialmente philantropo, e immensamente brasileiro.

(1) N'uma das já apontadas praticas, em que S. M. se compraz em desenvolver suas idéas, sempre rectas e sãs, se exprimia approximadamente assim :

«Li attentamente o livro do *Espirito* de Helvecio, e convenci-me de que nenhum outro producto da intelligencia jámais provou tanto a existencia das faculdades immateriaes do que esse, que, sem convicção, e em phrase affectada, caminha pela estrada arida do egoismo, reduzindo tudo a sensibilidade physica, e interesse pessoal, e desmoronando as idéas de moral que Deus gravou no coração de todo o homem.

«Rousseau nada escreveu em materia religiosa, com sinceridade, e nem podia tão elevado engenho, se fosse sincero e recto, cahir em tão flagrantes contradicções. Voltaire só usou as armas do ridiculo, que não podem ser as admittidas nas questões da religião, e philosophia; o seu intuito, ao traçar os escriptos religiosos, era provocar a hilaridade das turbas; e o seu animo não se revestia então da seriedade que tambem lhe assentava, ao escrever o *Seculo de Luiz XIV*, e as *Tragedias*.

E d'este amalgama de sentimentos de religião, de humanidade, de amor da patria, resulta um corollario, que n'outras eras seria deslustre, que n'estas constitue um bom titulo á gratidão dos povos: — *Não é Principe guerreiro.* — A soberano assim pacifico, dizia Elpino:

«Despresa d'esses Cesares soberbos
«As palmas, em humano sangue tintas!
«Teus povos ama, em doce paz os rege,
Sê d'elles pai, e amigo!»

Quem duvida que o gladio do filho do Duque de Bragança, seria o primeiro a desembainhar-se, se a patria corresse riscos? Mas não é menos certo, que o seu

«Impressionou-me desagradavelmente á primeira leitura, o revolucionario theologo protestante Strauss. A sua *Vida de Jesus*, que ousa quasi negar a existencia do Redemptor, substituindo-a por um systema de symbolos, e allegorias historicas; a sua audaciosa *Dogmatica Christam*, na lucta com a sociedade moderna, são livros perigosos ao primeiro aspecto; mas segunda leitura me persuadiu de quanto havia inane, e futil em taes sophysmas.»

Assim continuou a conversação, sempre reveladora d'um engenho de primeira plana, allumiado pelos raios da fé. Em seguida, emittiu a sua convicção arraigada de que a regeneração social só podia esperar-se do maximo disvélo na educação, e instrucção da puericia (homens do futuro), encaminhada pela religião, divino codigo da moral. Com tal persuasão, disse ser sua mente applicar o maior escrupulo para a escolha dos bispos, supremos pastores das almas, e para o desenvolvimento do culto e da moral, que é dever dos poderes civis auxiliar e robustecer.

coração exulta de não ser forçado a trocar alviões em espadas, lyras em tubas, machinas em canhões, oliveira em louro; exulta vendo os subditos regar a terra com o honroso suor do trabalho, não com o improductivo sangue das batalhas; exulta presidindo á sorte d'um paiz pacifico, cioso de sua independencia, sem ambicionar influir em alheios destinos, e que em conquistas só aspira ás do progresso e civilisação (1). Feliz o rei que não tem na sua historia as sanguinolentas paginas dos combates. Já algures o dissemos: «Foram outr'ora os conquistadores e vencedores, que monopolisaram quasi o culto humano dos monumentos. Bronze que em fórma de canhão flamejava destruição e morte, ia depois, transformado pelo esculptor, representar feições, e vulto de heroe de batalhas. E ahi se contrapunha monumento a monumento. O metal animado, reproduzindo o devastador, perpetuava sua lacrimosa memoria. Perto (ou longe) d'uma praça mentirosa, cinzas fumegantes de cidades outr'ora florescentes, jaziam, como outros tantos monumentos lugubres, immortalisando a vaidade d'um homem. De taes obras de arte, eram os alicerces ossadas de gerações; era o cimento das pedras caldeado com lagrimas e sangue.»

Sim, a adoração da guerra, o imperio da força, vão passando, cedendo lugar aos beneficos fructos da

(1) Diz o virtuoso bispo Amador Arraes: «Deus nos livre de principes buliçosos, que não cabem em seus Estados, nem tractam de ornal-os, senão de lhes espaçar e estender os terminos, e tudo querem abraçar!!

paz; e bem é do seu tempo, e bom semeador de futuros, quem repelle os furores da destruição, e ajuda os destinos para se completarem pelo affecto, pela ordem.

Esta indole suave, que procura com afan remover do seu paiz collectivamente os grandes males da guerra, em tudo se manifesta egual, até no tractar mais domestico.

Nunca o Snr. D. Pedro II (desde a mais tenra edade, pelo menos desde que teve uso de razão) se mostrou agastado, nem patenteou cólera contra os seus proprios creados, ainda os da infima classe. Com este soberano, nunca foi mister appellar de Philippo para Philippo. Onde outros achariam motivo para punição, ou asperas reprehensões, fecha os olhos, ou, quando muito, submette, em fórma dubitativa, umas advertencias com tal brandura, e tão paternal benevolencia que dá jus ao culpado de hesitar se commettera culpa (1).

Pertence áquella ordem de nobres sentimentos outro que dá origem a um facto assaz digno de notar-se,

(1) Um alto servidor de S. M. I., cavalleiro de fina educação, e habitos delicadissimos, narrando factos comprovativos d'esta brandura de tracto, nos dizia: «E' cousa admiravel! Eu ás vezes não posso conter-me diante de faltas commettidas no Paço; e o Imperador nunca se zanga! A que ponto isto chega, fôra mister vêr para crer.»

Diz Mlle. Celliez, do Imperador: «Nunca de sua bocca se ouviu sahir uma phrase offensiva, uma palavra esperta, nada que possa ferir um coração, ou um amor proprio; sempre a mesma cordialidade, sempre a mesma polidez, sempre a mesma indulgencia, e por sobre tudo sempre a mesma vigilancia, e a actividade do chefe de familia applicado á direcção do imperio constitucional.»

e que todos os ministros da Justiça teem tido occasião de per si verificar. Ouçamos o que sobre elle nos dizia um dos ultimos, intelligencia elevada, caracter energico recta consciencia:—«O que acontecêra com os meus antecessores, commigo succedeu. Apresentaram-se-me casos, d'aquelles em que eu entendia a necessidade de que *gemesse* a humanidade, para que a justiça *folgasse*. Offereci a penna ao Imperador, supplicando-lhe que subscrevesse, em casos mui graves, sentenças de morte proferidas pelos tribunaes. A resposta era constantemente um addiamento. Se eu insistia, passava S. M. a um minucioso exame do assumpto; depois vinham observações, duvidas e pretextos moraes; finalmente ponderava que não via mais formosa prerogativa no poder moderador, e até no magestatico, do que a do perdão. Quando não havia mais discussão possivel, recusava a assignatura, em taes casos, quem geralmente em todos os outros tão ampla liberdade de pensamento, e acção deixa aos ministros responsaveis. Póde dizer-se que, embora figure em nossos codigos a pena de morte, ella, com este soberano, está quasi de facto abolida.»

Por isto emanou tambem sempre d'aquelle coração magnanimo a iniciativa do pensamento de amnistia, quando espiritos desvairados viram sobre elles descarregado o gladio da lei.

E' porque no espirito do Imperador não ha mais proeminente feição, que a da caridade. A sua beneficencia é sem limites. Quantas familias ahi vivem á custa de seus cofres! Que innumeraveis pensões não pesam so-

bre sua parca dotação (1)! O seu bolsinho é o *monte-pio* de numerosa pobresa, a quem acolhe com piedade inimitavel; sendo certo que a sua liberalidade para com os pobres, os estabelecimentos pios, e as empresas de grande interesse nacional lhe absorve, uns após outros, todos seus haveres.

Sobredoiram-se estes actos beneficos com o preceito evangelico:—Não sabe a mão esquerda o que a direita praticou.

O Imperador anima, e ampara os talentos privados dos meios de instruir-se. Ahi estão figurando, e prestando serviços ao Estado, muitos que á sua custa estudaram no Imperio, e fóra d'elle. Hoje mesmo, numerosos pensionistas seus, se acham n'essas circumstancias. Não calumniamos a gratidão dos agraciados, imaginando que elles se pejariam de verem aqui reproduzidos nomes de muitos d'elles; pois que ao contrario o teremse tornado dignos de tal protecção era de per si uma

(1) Quando todos os cidadãos se queixam de que o geral progressivo encarecimento os força a diligenciar que os seus rendimentos se elevem, só uma verba ha que, atravez de todos os tempos, permanece invariavel, sem que appareça quem demova o augusto animo de retirar o seu veto a qualquer idéa de augmento: é a dotação da casa imperial. O Imperador, que só na *verba*—esmolas—tem gasto, em alguns annos, cerca de quatrocentos contos, recebe do Estado, para todas suas despezas de necessidade, e representação, *oitocentos!*—A Imperatriz tem *noventa e seis,* que mal bastam para os compromissos do seu generoso coração, e para as lagrimas de Brasileiros, que tão angelicamente se incumbe de enchugar. A futura Imperatriz reinante do Brasil, recebe *doze contos,* e sua augusta irmã *seis,* isto é, menos que muitos empregados de cazas mercantis da côrte do Rio de Janeiro!

dintincção honrosa; mas, temos por desnecessario baixar d'estas generalidades.

Na sua viagem ao Rio Grande do Sul, Santa Catharina, e S. Paulo; á comarca de Campos, e outras da Provincia do Rio de Janeiro, e ás provincias do norte, não só liberalisou consideraveis donativos aos estabelecimentos de beneficencia, como hospitaes, e cazas de caridade, e ás egrejas, e cazas de educação, senão que tambem prestou soccorros particulares, de grande vulto, a innumeraveis pessoas, soccorros que só ellas, e os que acompanharam o Imperador podem declarar. Todos os logares por onde passou, ficaram cheios de provas de sua caridade, e munificencia.

De todas as fórmas, porém, que a caridade sabe revestir, nenhuma jámais se ostentou tão bella, como quando, flagellada, e disimada esta côrte por uma peste hedionda, que ceifava indistinctamente o rico, e o pobre, o moço e o velho, o robusto e o valetudinario— quando todos os que podiam evadir-se aos miasmas contagiosos da cidade infectada, iam para longe, sob ares mais beneficos, e menos enfurecida naturesa, segurar a vida, S. M. o Imperador não fugiu, não arredou pé! Ao contrario, infatigavel em tomar, e recommendar todas as providencias, para extincção do flagello, levou a coragem indomita ao ponto de ir pessoalmente collocar-se nos fócos da infecção, visitando os hospitaes de colericos, e com a sua presença animando os enfermos, e quantos se occupavam de accudir a tamanhas miserias. Bem recompensou S. M. depois aos que se distinguiram

em tão medonha crise; mas que medalha de honra mereceria o proprio monarcha? Essa lh'a deferiu tacitamente o seu povo, gravando no coração a memoria de tão heroico feito. Eis-ahi como procedeu, ante um inimigo cego, feroz, anthropophago, aquelle que detesta a guerra. Guerra com homens póde conjurar-se e derrama sangue alheio que se poderia poupar; guerra com a naturesa não se rejeita, e ahi o valente vai com o sorriso nos labios, se o risco da propria morte assegura a salvação de muitas vidas. Eis como o principe *não guerreiro*, á frente dos mais valentes, com o seu penacho de Henrique IV sobre o elmo, despresa, a morte, em combates onde não fará derramar, antes estancar o sangue.

Bem era que um Soberano, assim dando o exemplo de taes virtudes, meditasse no modo de as galardoar em seus subditos; e por isso creou um distinctivo para os que se tornarem notaveis por serviços extraordinarios prestados á humanidade.

Quem se distingue por tão grande, e singela indole não podia deixar de amar o campo. Todos os annos, e em cada anno todos os dias! sujeito á *etiqueta* quem adora a simplicidade — ao bulicio quem se compraz no socego — á escravidão quem é idolatra da liberdade — tornar-se-hia um viver penoso, se algum oásis não alegrasse este deserto; se alguns dias roubados á premanente representação regia não refocilassem o espirito; se finalmente a naturesa amiga não viesse algumas horas chamar ao seu seio aquelle que a sociedade exi-

gente condemna a dedicar-se-lhe. Os gostos campestres do Imperador lhe fazem exclamar, como a Destoches: —

«La campagne est pour moi plus belle que la cour;
«Et je voudrais pouvoir y fixer mon séjour!

Não bastavam, para seu delicado gosto, as quintas de Santa Cruz, e Cajú; foi no alto de montanhas, que Humboldt considera continuação das Cordilheiras dos Andes, fundar uma cidade, uma caza de campo, rodeada d'uma familia de camponezes. As immediações de Petropolis, admiraveis por clima, vistas, florestas, cataractas, grutas, rochedos, lençoes de agua, precipicios, plainos, são a majestosa morada da tranquillidade do animo. Eis porque toda a imperial familia aguarda a quadra d'essa residencia, precipitando-se para ella como os passarinhos alegres, a quem se abre a porta de doirada gaiola, e que vão nas arvores, na relva, á borda das fontes naturaes, entoar hymnos á creação. Assim como o viajante vai hoje, em devota peregrinação, ás margens do Anio repousar olhos, e memoria sobre os restos da caza de Mecenas, assim os tempos futuros irão visitar saudosos essa Tibur brasileira.

Do mesmo modo que a memoria é um dote assombroso do Snr. D. Pedro, assim se distingue a sua vontade por uma poderosa força de paciencia, e attenção. Observa, ao mesmo tempo, e com egual penetração, os factos geraes que dão a physionomia moral do seu Estado, e indicam o atraso ou progresso d'elle. Es-

tuda o regulamento d'um collegio com a mesma disposição de espirito com que um projecto de alta combinação administrativa ou politica. Este privilegio de sua naturesa intellectual talvez não tanto o deva ao clima americano, como ao sangue da familia de Habsburgo, que lhe circula nas veias.

E é este o lugar de reflectir que a attenção do Imperador para os pequenos factos da vida social, e da administração do Brasil, tem sido notada por alguns, que superficialmente a consideram indicio d'um espirito, cujas vistas não alcançam remotos, e dilatados horisontes. Mas quem o viu, após um trabalho paciente, e comesinho, elevar-se instantaneamente ás mais importantes questões da philosophia, e das sciencias sociaes, reforma o seu juiso, e admira a raridade d'essa dupla naturesa.

Não se limitam estes estudos, e reflexões do Imperador simplesmente ao compulsar os livros, e os escriptos especiaes, ou a ouvir os competentes; é frequentissimo vêr *S. M. o Imperador* apparecer inopinadamente n'uma escóla, n'uma academia, n'um caminho de ferro, n'uma secretaria, n'uma alfandega, n'um quartel e proceder ahi a exames com que sempre lucra o serviço publico. E' assim que o grande livro da experiencia dos homens lhe completa a instrucção que o gabinete, por si só, lhe não poderia dar.

São igualmente dotes da alma do Snr. D. Pedro, uma alta capacidade de concepção—singular sagacidade—a rarissima qualidade denominada *senso commum*—

e cautelosa prudencia. Não cremos que a sua resolução seja rapida, porque tem de uso amadurecel-a. Tem a virtude de saber fallar quando, e como importa, e a, muito menos frequente, de saber escutar. Nunca teve ministro seu, a quem fosse tão facil dirigir a palavra como o é ao proprio monarcha, pois recebe com a maior accessibilidade quem quer que se lhe dirija.

Ha no tracto do principe certa particularidade, que tem dado origem a uma calumnia: accusam-no alguns, digamo-l'o affoutamente, de *dissimulação*. Conta-se de Luiz XI, que nunca permittiu que seu filho aprendesse do latim mais que as palavras que elle lhe ensinara:—*Qui nescit dissimulare, nescit regnare,* e imaginam o Snr. D. Pedro, filho do prisioneiro de Peronne. Injustiça ou erro! Assim trocam em defeito o que talvez seja uma qualidade, e em todo o caso é o resultado pratico dos successos estranhos de sua curta, mas agitada vida.

A que chamam dissimulação? A' cautela com que evita conhecerem-se-lhe amigos pessoaes? Se a não tivesse, censural-o-hiam de *validagem*.

Ao estudo com que obsta a conhecerem-se-lhe as opiniões, ou predilecções politicas, a ponto de não haver partido no paiz que possa dizer que é por elle exclusivamente esposado? Talvez que se assim não fosse clamassem contra o rei faccioso.

Ao melindre com que muitas vezes se retira para a segunda plana, em pretenções individuaes, deixando a solução a ministros responsaveis? Se mais activamen-

te governasse, revoltar-se-hiam contra o governo pessoal.

Antes se devêra, pois, admirar o imperio sobre si mesmo por uma intelligencia tão elevada, uma tão consummada experiencia, um tão acrysolado amor da patria: é, como elle entende, o cumprimento fiel dos altos deveres do rei constitucional. Fôra mister confundir a circumspecção e a prudencia com a astucia, a insidia, e a concentração, para dizer-se que o Snr. D. Pedro II merece o titulo de dissimulado.

Todavia se em seu caracter ha, não dissimulação, mas certa *reserva,* em grau desconhecido a seu augusto pai, quão natural não é a explicação d'esta tendencia! Abriu os olhos á luz, por occasião d'uma grande transformação social, a da separação de Portugal. Não conheceu sua mãe, e quando a creança começava a amar segunda mãe na pessoa de S. M. I. a Snr.ª D. Amelia (a virtuosa filha d'outro heroe), um acontecimento veiu, antes dos 6 annos de edade, arrancar, de seus braços infantis, idolatrados pai e mãe.

Nas vastas salas do seu Paço, viu-se de repente o imperial menino, só com duas creanças como elle de familia, e rodeado de estranhos. Embora em muitos houvesse affecto sincero para com elle, chegavam-lhe aos ouvidos com frequencia rumores temerosos, em que muitas imaginações viam perigos para a dynastia, para o throno, até para a vida; que desvelo suppriu jámais ao orphã o carinho, o conselho, o amor dos pais que haja perdido?

Foi crescendo, e ouvindo cada anno os esforços de revoltosos, em diversas provincias, pondo tudo a saque e sangue, e augmentando os seus perigos pessoaes. O proprio successo da maioridade foi uma pressão, uma coacção externa, a que teve de ceder, em extrema adolescencia, pela apprehensão de graves resultas d'uma negativa, etc., etc. Foi por tanto, embalado o seu berço, por convulsões politicas; desenvolveu-se a sua adolescencia em uma sociedade quasi anarchica, tempestuosa, ameaçadora. Viu thronos desmoronarem-se; soberanos exilados. Teve de deplorar a sorte feita pelas revoluções á sua mesma familia; seu pai, sua madrasta, suas irmãs, todos victimas de ingratidões populares.

De taes successos a mór parte se passou n'aquella edade em que a cera branda do espirito se affeiçoa ás impressões externas, em que o joven caracter se fórma, não raro modificando a indole natural. Não seria portanto espantoso que no espirito do Imperador se fosse creando, e desenvolvendo uma... não timidez, mas a reserva que os Romanos exprimiam pelo termo *circumspção,* disposição para *olhar em torno de si,* e dos *objectos,* antes de resolver; entretanto é de crer que os annos, a plena certesà de quanto é amado, e a segurança de tranquilidade publica acabem por tornar aquella nobre alma ainda mais expansiva, e resoluta.

E não obstante, quantas vezes não é o Snr. D. Pedro quasi até familiar com os seus subditos, que todos penetram livremente nos paços imperiaes! O elogio, o conselho, a advertencia inoffensiva e suave, como a

d'um pai, quantas vezes não mana de seus labios, já nas palestras com os grandes, já nos passageiros dialogos com os pequenos!

Quem procurou descrever a moral do Snr. D. Pedro II tem de completar o esboço com a descripção do seu physico.

Lê-se na já citada obra *Les Impératrices:* «Concordam todos em reconhecer que o Snr. D. Pedro II é homem mais moral, mais constitucional, mais progressista do seu imperio. Póde accrescentar-se que é n'elle tambem o mais esbelto, e o mais instruido; seu porte é elevado acima do commum; cabellos louros, formosa barba, magestoso recacho.»

Não menos que a do espirito, é admiravel a sua actividade de corpo, como o é o vigor moral, e physico que elle possue, e desenvolve, sempre que as circumstancias o exigem. A sua vida habitual que em parte se póde equiparar á do homem de lettras, podia tornal-o pouco apto para o trabalho material; mas, ainda sob este aspecto, é privilegiada a sua naturesa. Se é preciso, madruga, viaja a cavallo leguas e leguas, supporta chuva e sol, como o soldado affeito a todas as inclemencias da vela do exercito; e raros companheiros de viagem, por mais robustos, podem, sem ceder a fadiga, acompanhar o Imperador.

Cremos ter ahi deixado, em rapidos traços, elementos imparciaes, e verdadeiros, com que se possa apreciar a naturesa physica, e a indole moral do augusto chefe da nação brasileira.

*

IX

Bem saberia agora concluir estas linhas toscas com a narração de alguns actos praticados pelo Snr. D. Pedro II, que, melhor que simplices palavras, o revelassem em acção. Por temor de dar a este singelo estudo dimensões, que já talvez fatiguem o leitor, tiraremos, ao acaso, d'uma vida tão fecunda n'este genero, umas poucas de taes anecdotas.

Da bocca d'uma nobre dama, talentosa e erudita, que zelosamente serviu ás Augustas Princesas, irmãs do Imperador, ouvimos narrar successos da extrema infancia de S. M., que muito o honram. Tão educados foram no espirito religioso, que até os brinquedos infantis eram muitas vezes imitações do culto. A encantadora Princesa Snr.ª D. Francisca revestia-se de padre; sua irmã e seu irmão eram acolytos; e não deixava de ser curiosa a seriedade de que se embebiam n'estas occupações inno-

centes, mas que desde o berço revelavam a tendencia do espirito religioso.

E para patentear o desenvolvimento que este tem assumido no animo do soberano, diremos que não ha solemnidade da egreja, em que S. M. não timbre de dar o exemplo de devoção, assistindo, com singular compostura, a todas as grandes funcções religiosas. Os dias da Semana Santa são todos pela imperial familia passados no templo. Elle mesmo lava os pés aos pobres, e o seu Paço torna-se n'esses dias, morada d'elles. No da Paixão de Jesus-Christo todos os annos abundancia de mercês e perdões abrem portas de carceres a desgraçados. Ha tanto quem barafuste por mercês honorificas, mas que alardeando despresal-as depois de obtidas, nem se quer se dê ao incommodo de acompanhar o rei dos céos, e o rei da terra, em certas procissões, e actos publicos religiosos! envergonham-se! Não se envergonha o Imperador, a quem não ha sóes, chuvas, nem intemperies, que estorvem de ir pegando na vara do pállio, que cobre a sagrada particula.

Em suas viagens, ao chegar a qualquer localidade, é a casa do Senhor a primeira que visita, entoando o *Te-Deum laudamus,* e escutando a palavra dos oradores sagrados. Nas suas proprias capellas imperiaes mórmente nos Paços da cidade, e de S. Christovão, todas as festividades do culto são feitas com grande pompa; e não ha acontecimento grave de seus parentes, em que, nas festas, nas exequias ou nos officios funebres, elle se não prostre a implorar sentidamente o Deus das mi-

sericordias. Sempre que algum acontecimento extraordinario occorre, interessando a religião, deseja S. M. que ninguem primeiro se apresse em demonstrar a sua submissão aos mandados da egreja.

A mesma Dama, de quem acima fallamos, nos conta um caso bem digno de sympathia. Ainda o Imperador não tinha completado a edade de nove annos: suas irmãs apenas contavam dez e doze, quando um dia funesto lhes trouxe a tremenda nova da morte de seu pai, ao mesmo tempo dada aos tres principes por tres diversas pessoas. Era golpe tão profundo em todos esses peitos juvenis, era tão commum a orfandade em que todos ficavam, tanto se haviam acostumado a sentir juntos as mesmas dôres, que, por um singular movimento instinctivo, o principe, e as princesas, sahiram dos aposentos em que se achavam, com o unico fito de se procurarem reciprocamente; encontrando-se logo, todos tres se enlaçaram no mais doloroso amplexo mudo, até que torrentes de lagrimas, e ais, proromperam dos amargurados peitos, com uma intensidade, e affecto filial, capaz de commover o mais empedrado coração, que similhante espectaculo presenciasse.

Ainda pelo mesmo canal, soubemos que, na mais extrema infancia, desde que o imperial menino começou a fazer suas excursões pelos arredores do palacio, entrou a pedir que, sempre que elle sahisse lhe dessem bastante dinheiro em prata. Voltava sempre para casa sem um ceitil: aquellas quantias eram todas destinadas aos soldados, e aos pobres, que encontrava.

Mui numerosos são os casos, como dissemos, em que S. M. tem tomado talentos nascentes sob sua protecção, já animando-os, já galardoando-os, já emfim habilitando-os a completar, no paiz ou fóra, estudos, que os convertam em cidadãos altamente uteis á patria. N'esta ordem de factos, muitos conhecemos assás honrosos; mas ainda recentemente ouvimos a um talentoso joven, aliás desprovido de bens da fortuna, que, indo despedir-se de S. M., o Imperador, após uma conferencia toda paternal, foi o principe que, por iniciativa sua, começou provocando-o para que lhe revelasse a sua situação; e como o pundonor do mancebo obstasse a tal revelação, foi S. M. quem lhe disse que lhe escrevesse apenas sentisse qualquer urgencia a que não podesse fazer face, ou se dirijisse logo á Legação da terra para onde se transportava; pois elle não consentiria que lhe faltassem quaesquer meios para se applicar, como desejava. Taes beneficios são, pois, sobredourados pela delicadesa da espontanea iniciativa.

Em certa occasião, motivos de saude obrigaram a imperial familia a transportar-se para uma localidade, onde não existe Paço. Apenas soube um respeitavel morador d'esse logar, dirijiu-se a S. M., representando-lhe que sua caza era insufficiente para tão alto destino, mas que, tal qual era, disposesse o Imperador d'ella como propria. O principe acceitou, e durante algumas semanas ali estabeleceu sua residencia. Durante essa sua estada, houve pessoa, desconhecida do proprietario, que segredasse ao Snr. D. Pedro achar-se esse cavalheiro

em precaria situação, por não ter meio de satisfazer um emprestimo avultado, que contrahira para com um cofre, e de que se lhe exigia pagamento. O Snr. D. Pedro mandou *incontinenti* examinar a veracidade da asserção, e o *quantum* da divida, e calou-se. Na occasião de regressar ao seu Paço, ao despedir-se do dono da caza, e já descendo os degraus, disse baixinho ao seu Amphytrião:—«V. esqueceu um papel na gaveta do meu quarto; será conveniente que se não extravie.» Des que o sequito imperial deu costas, encaminhou se o dono da caza ao logar indicado, não podendo recordar-se do que fosse o papel esquecido. Grande foi o seu espanto, quando, abrindo uma carteirinha, achou n'ella, não os fundos, cuja falta fazia a desesperação e ruina do honrado ancião; não, que isso seria uma delicadesa praticada d'um modo vulgar; mas sim a quitação de todo o debito, já dada pelo cofre competente. Em prova de que o agraciado era digno da mercê, diremos que estes promenores foram narrados por sua propria bocca.

N'este genero, colhemos de fidedignas fontes grande copia de actos da mais apurada, e suave caridade; mas esta virtude, essencialmente modesta, não tolera que demasiado a assoalhem; supprimamos, por tanto, paginas, quanto mais deliciosas para a leitura, tanto mais penosas sem duvida para os olhos do Senhor D. Pedro.

Qualquer que seja o pensamento util, a empresa patriotica que se projecte, ver-se-ha o primeiro magistrado nacional ser tambem o primeiro que subscreva, ampare, e incite a realisação.

E de que modo verdadeiramente regio esses auxilios são prestados, ahi surgem a cada passo os exemplos. Um, entre centenares, ainda ha poucas semanas presenciado. Emquanto o paiz fôr tão vasto, e proporcionalmente tão pouco povoado, intende S. M., com as vistas mais sans, porque são as mais adequadas ás circumstancias peculiares do seu paiz, que, por emquanto, a sua capital fonte de opulencia deve ser a agricultura, bastando que o homem coadjuve a pasmosa prodigalidade da naturesa, para fazer brotar do solo a abundancia, e riquesa. N'este presupposto, tem usado de sua esclarecida inicitiava, afim de que os povos façam convergir suas attenções para a intelligente cultura das terras, e introducção de todos os melhoramentos que este ramo comporta. Entre os alvitres praticos, a que S. M. liga elevada importancia, é um, como já dissemos, o concurso dos Institutos agricolas, em cada uma das provincias, amplamente protegido de todas as fórmas por elle.

Ha poucas semanas, reunindo-se o Instituto agricola do Rio de Janeiro, para celebração de sua sessão anniversaria, e sendo (como acontece em todas as Assembléas uteis) honrado com a presença de S. M., foram proferidos varios discursos; suspendendo-se a sessão, porque o Imperador se retirava acompanhado pelo Presidente, voltou este logo á sua cadeira mui commovido, e communicando á Assembléa haver-lhe S. M. feito saber, que iam ser dadas ordens, para do seu bolsinho se entregar á associação a quantia de *cem contos de reis,*

para ser applicada a seus patrioticos fins! Comprehendem-se donativos d'esta magnificencia (com quanto rarissimos se apontem) em Estados absolutos, onde a nação é o Soberano, cujos cofres não tem limites; mas em paiz constitucional! em terra de orçamento, com dotação annual de 800:000$ sugeita a myriadas de encargos! Note-se mais, que a applicação dada ao imperial donativo é pura e exclusivamente proveitosa para a nação, sem que a pessoa do imperante receba d'essa applicação a minima vantagem, a não ser a gloria que lhe resultará de contribuir para a prosperidade do seu paiz.

E sabeis vós quem é o Pluto, que assim semeia ouro? Onde se guarda a cornucopia d'outra Amalthéa, que assim esparge abundancia? Não julgais que este melhor Aladino dispõe d'alguma lampada maravilhosa, que, esfregada, ponha á sua disposição escravos, cavallos, joias, trajos soberbos, e todas as riquesas; que n'uma só noute lhe edifique um palacio portentoso, e que n'um fechar de olhos transporte esse palacio da China para a Africa e da Africa para a China?

Enganar-vos-hieis. A lampada maravilhosa não a esfrega senão em proveito dos outros, do seu paiz; para si, o mais modesto viver lhe basta, e sobra. A alimentação é para o Imperador uma aborrecida obrigação da naturesa animal; contenta-se com qualquer nutrição, indifferentemente tomada, em poucos minutos de meza; não são por certo as necessidades do Imperador, que sobrecarregarão vastas ucharias. Todos os outros

habitos são não menos, talvez demasiadamente, modestos. Os paços da cidade e de S. Christovão eram, em tempos affastados, residencias particulares, e nem hoje merecem outro nome; carecem de todas as commodidades, faltando-lhes até a decoração externa! Frequentes vezes se lhe tem representado que a dignidade da nação demanda que o seu chefe esteja alojado, e viva como soberano d'um grande Imperio. Responde constantemente não ter meios pessoaes para maiores grandesas, e não querer que o Estado contribua com gastos da residencia imperial.

Não é para uma vaidosa ostentação que o Senhor D. Pedro II gosa da vida. A sua caza é assás vasta para o patriarchal viver de tão modesta familia. Com quanto muitos sejam os subditos, que, por mil titulos, vão tributar seus respeitos ao monarcha, ou collocar-se sob seu clemente manto, ha sempre logar para elles. Os sabios nacionaes, e estrangeiros que, em praticas singelas hão tido occasião de admirar o Senhor D. Pedro II, são sempre bem-vindos, e conhecem bem o caminho d'aquelle pequeno templo do saber, que se denomina —Bibliotheca do Imperador.—

Desejais ainda mais factos que vos revelem o que o Principe é, em materia de lettras, e seus cultores? Eis-aqui alguns.

Poucas semanas ha, uma voz imprudente encheu de lucto todos os corações dos que se ufanam de nossas primeiras glorias nacionaes, mentindo o occaso da mais fulgurante estrella poetica do firmamento brasileiro, a

morte de Gonçalves Dias, que se dizia acontecida no mar, em viagem para a Europa. Era uma sexta-feira, dia de sessão do Instituto, á qual, segundo seu uso, o Imperador não faltou. Via-se, porém, sua physionomia annuveada; e tendo o digno presidente ponderado quão vasta era a perda que o Instituto acabava de supportar, S. M. redarguiu que o lamentado consocio fôra bem digno d'uma manifestação de pezar; pelo que levantou-se a sessão, sem nem quasi se abrir; e para logo se retiraram todos profundamente impressionados.

Outro genero, revelador do incommensuravel apreço que o sabio liga ás reliquias do entendimento humano (e que aliás se manifesta, não menos, na rica collecção, que tem ido reunindo, de ineditos, e manuscriptos preciosos). Tendo as vicissitudes politicas arremessado a estas plagas o monge benedictino, Fr. João de S. Boaventura Cardoso, da extincta caza monastica de Lisboa, este se apresentou, e offereceu a S. M. um exemplar dos *Lusiadas*, edição de 1572, todo cheio de commentarios marginaes, e asseverando serem estes do proprio punho do sublime cantor do Gama (exemplar que, embora de não tão alto valor, é conservado por S. M. como uma de suas maiores preciosidades). Para se medir a conta, e estima em que o Senhor D. Pedro tem a esse velho, e desconjuntado livro, aliás cuidadosamente guardado em sua caixa, diremos que, em remuneração de tal dadiva, deu ao ex-frade, em 1845, a mercê da ordem de Christo, uma decoração riquissima, uma primorosa caixa de ouro cravada de diamantes, o titulo

de prégador imperial, e uma importante freguezia na provincia de Santa Catharina!

Vejamos outro exemplo, em que se alliam considerações de amor ás lettras com sentimentos de piedade filial. Dissemos que sua augusta mãe se applicava desveladamente ao estudo da mineralogia, tendo collecionado, e classificado consideravel porção de mineraes. Pouco depois da maioridade, o Senhor D. Pedro, tendo por si mesmo novamente collocado, para o ir enriquecendo, esse deposito, ainda mais caro pelas saudosas recordações que pela importancia scientifica, foi separando todos os exemplares, em que achou duplicações, e ordenou ao seu mestre o Snr. Dr. Schuck, que entregasse dous caixões d'essa collecção ao collegio de Pedro II (em cujo externato ella se conserva) para que, atravez dos tempos, os beneficios de sua adorada mãe continuassem a derramar-se sobre a mocidade estudiosa, força, e esperança da nação.

Ainda outro facto não menos sympathico e honroso, que participa de lettras, e de moral, narrado frequentemente com enthusiasmo e admiração pelo proprio com quem se passou. A uma das mais elevadas capacidades scientificas do Rio da Prata, em amigavel conversação, perguntava o Snr. D. Pedro II em que se tinha ultimamente occupado? Respondendo-lhe o estrangeiro que n'uma obra sobre determinado assumpto, a qual já levava adiantada; perguntou-lhe ainda S. M. se a não poderia lêr? «Não, imperial senhor (tornou o interlocutor) pois tem capitulos que eu não desejaria que fossem

vistos antes de minha morte.»—«Pódem conciliar-se os desejos de ambos (redarguiu-lhe o Snr. D. Pedro), confie-me o autographo, indicando quaes os capitulos defesos, e eu verei o resto.» Não havia possibilidade de protrahir a duvida; entregou o manuscripto, com a indicação requerida, o qual foi logo lacrado; no dia seguinte ordenou a um de seus camaristas que lh'o lesse em alta voz, sem passar olhos pelos capitulos vedados, e finda a leitura, tornou a guardar-se o inedito. Logo no immediato dia restituiu o livro a seu auctor, dizendo-lhe singelamente:—«Eis aqui seu manuscripto, não li os capitulos que me indicou.» Este acto, apparentemente, insignificante, era pelo estrangeiro citado como um famoso rasgo de alta integridade de caracter, e modelo de rectos sentimentos. E realmente *(si parva licet componere magnis)* faz este facto recordar aquelle que de Julio Cesar citam, como exemplo de magnanimidade, quando queimou, de boa fé, e sem lêr as cartas na Pharsalia tomadas na carteira de Pompeo Magno.

As diversas viagens de S. M. o Imperador ás provincias hão sido largamente descriptas, em curiosas ephemerides, que se acham reunidas em livros que adornam as estantes de quasi todas as livrarias. Ahi se poderiam extrahir centenares de trechos, mui proprios para darem idéa do modo como essas uteis viagens se executaram, mas preferimos referir-nos englobadamente a noticias, mui cheias de amenidade e curiosidade, mas que andam em mão de todos.

Colhamos, porém, as velas. Não nos deixemos ir

após o sympathico assumpto, que se fosse nossa mente reproduzir quantas honrosas anedoctas se sabem do Snr. D. Pedro II, interminavel seria a nossa tarefa: *inopem me copia fecit.*

X

Outros, não mais convictos, porém melhor, dirão o que haja sido, seja e tenha de ser o actual Imperador do Brasil. A posteridade, que Deus para longe lhe remova, firmará a opinião de seus contemporaneos, pois aquelle que deplorava o *Hodie diem perdidi*, não tinha melhores titulos ao sobrenome que a historia lhe confirmou de *Amor e delicias do genero humano*. Dir-se-hia ter sido para elle que Rutilio traçou aquelle elegante verso:

Quod regnas minus est, quam quod regnare mereris!

O Snr. D. Pedro II causaria admiração na Europa, se tivesse por imperio um paiz crescido em edade, e forte; o Brasil é um gigante, mas só a Alcides no berço é dado esmagar serpes.

E' seu espirito vasto como seu immenso imperio, elevado como as magestosas cordilheiras, que dominam o solo brasileiro. Reune-se n'elle o talento, o gosto da mais minuciosa analyse, e faculdade das vistas d'aguia.

Com os dotes de sua alma, uma educação admiravel, e uma infatigavel e constante applicação, era de esperar que o Snr. D. Pedro ao cabo de 22 annos de reinado, tendo n'esse largo periodo practicado com os primeiros talentos, e as primeiras illustrações do seu paiz, chegasse a tornar-se o primeiro dos brasileiros em cabedal de instrucção, como é o primeiro pela sua dedicação, e imparcialidade no serviço nacional.

Não é para elle o diadema um apanagio, e menos uma commodidade, ou uma ostentação; é o mais penoso dos onus publicos. O seu tempo é quasi todo dedicado ao estudo, ás audiencias, á direcção dos negocios.

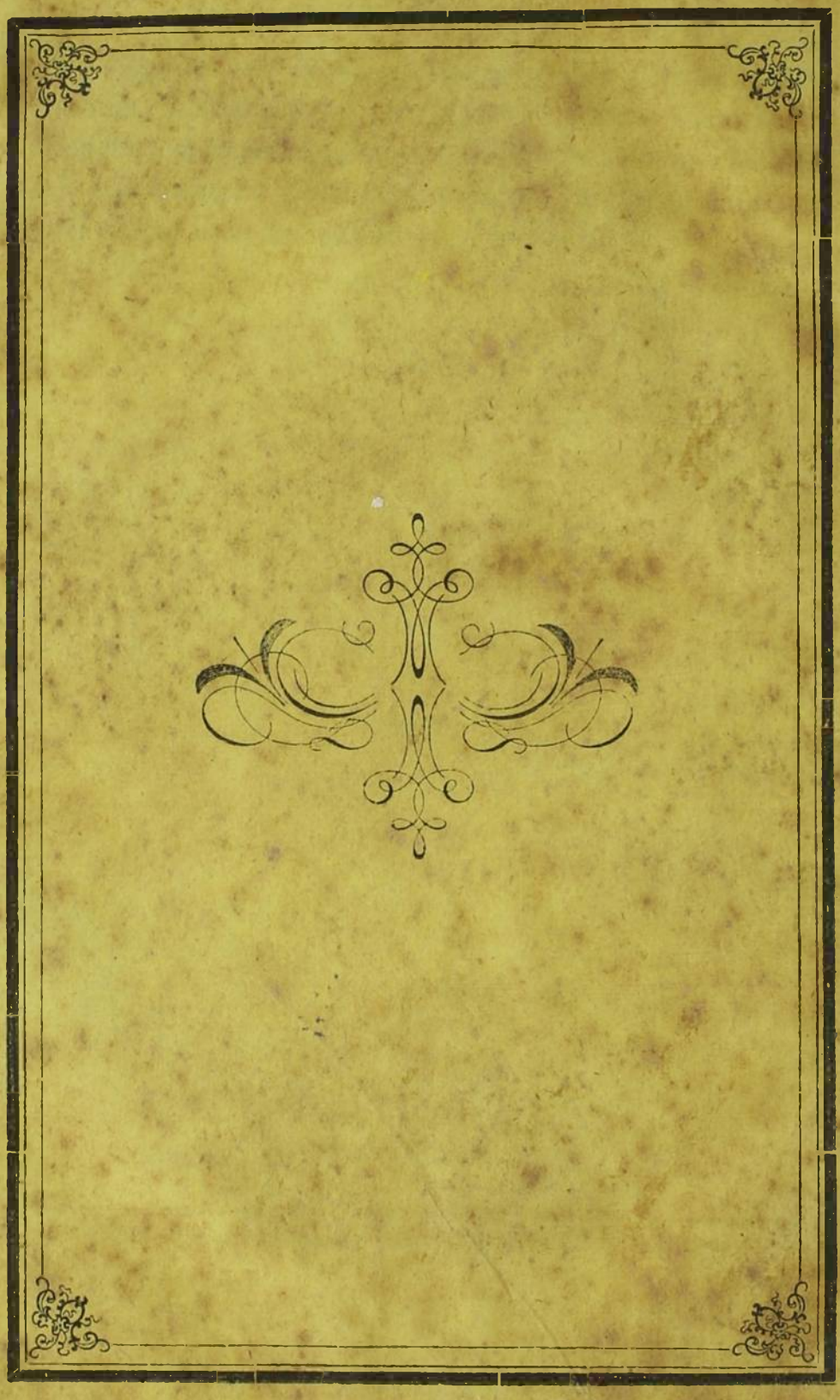
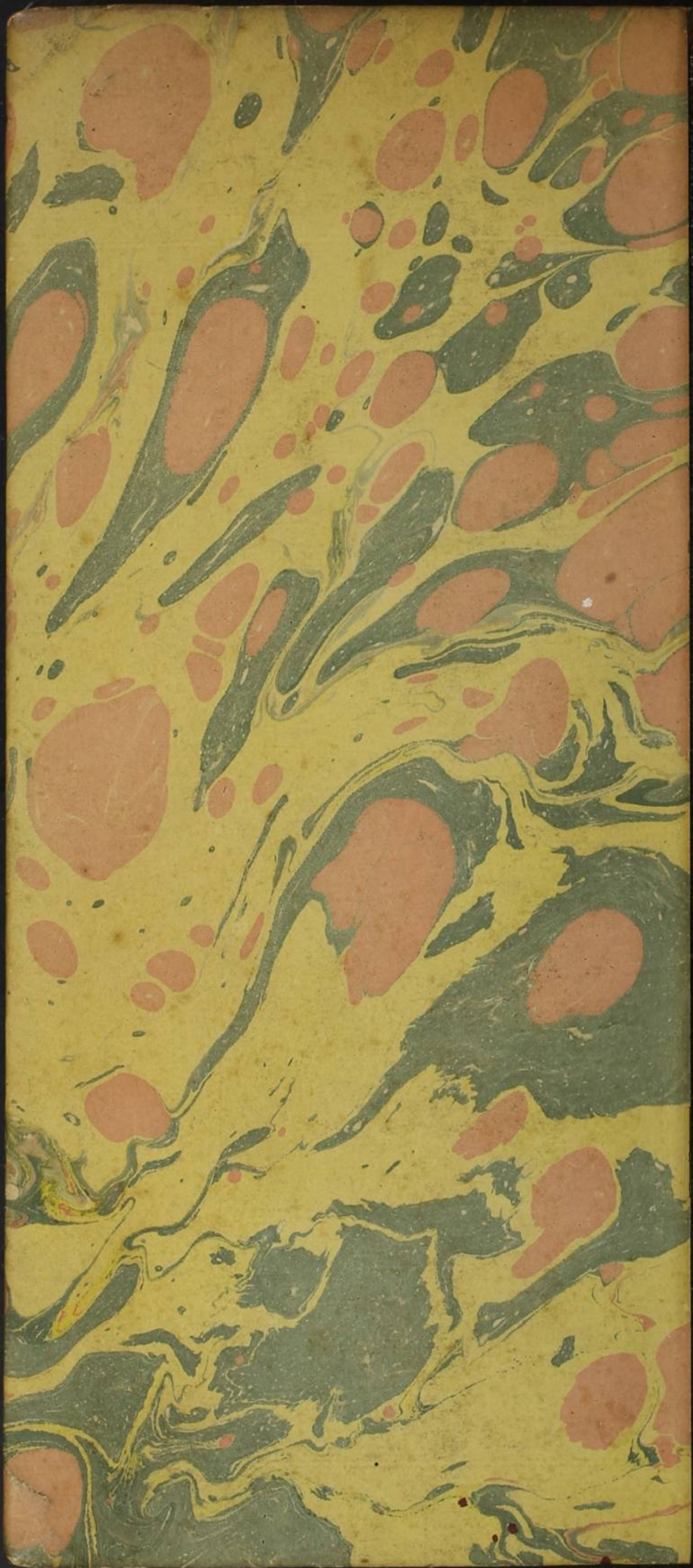
Com tal piloto ao leme do Estado não ha que receiar naufragios, nem tormentas, nem calmarias, nem parcéis; a nau continuará singrando em não aparcellado mar, e com fagueiras brisas, para o formoso porto do progresso. Assim o assegura á patria a prudencia do seu Palinuro, de quem é licito louvar

o vasto esclarecido intendimento,
que experiencias fazem repousado;
que fica vendo, como de alto assento
o baixo tracto humano embaraçado.

Possam os céos escutar os votos d'esta nação, tambem fidelissima, e por tempos sem fim victoriar o augusto principe, que ella se ufana de ter por chefe, e em cujo reinado gosamos o maximo grau de ventura e paz, a que uma sociedade póde aspirar.

FIM.

Imprensa da Praça de Santa Thereza n.º 63—Porto.



010136